

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

Educação e trabalho

ISSN 1676-5141



9 771676 514009



00057

Cesar Maia

Prefeito

Sonia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozorio

Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno

Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz

Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) •

Maria Inês Delorme (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) •

Martha Neiva Moreira (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária/SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Alneir Costa Pereira (8ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Diala Azevedo de Oliveira** (9ª CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Kátia Pereira do Nascimento** (5ª CRE) • **Marcia dos Santos Gouvea** (E-DGED/DEF) • **Marcia Elizabeth N. da M. Vicente** (7ª CRE) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Valéria do Nascimento Querido** (6ª CRE) • **Vana Maria Silva de O. Sá** (1ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

GERÊNCIA PEDAGÓGICA: **Cristina Campos e Joanna Miranda**

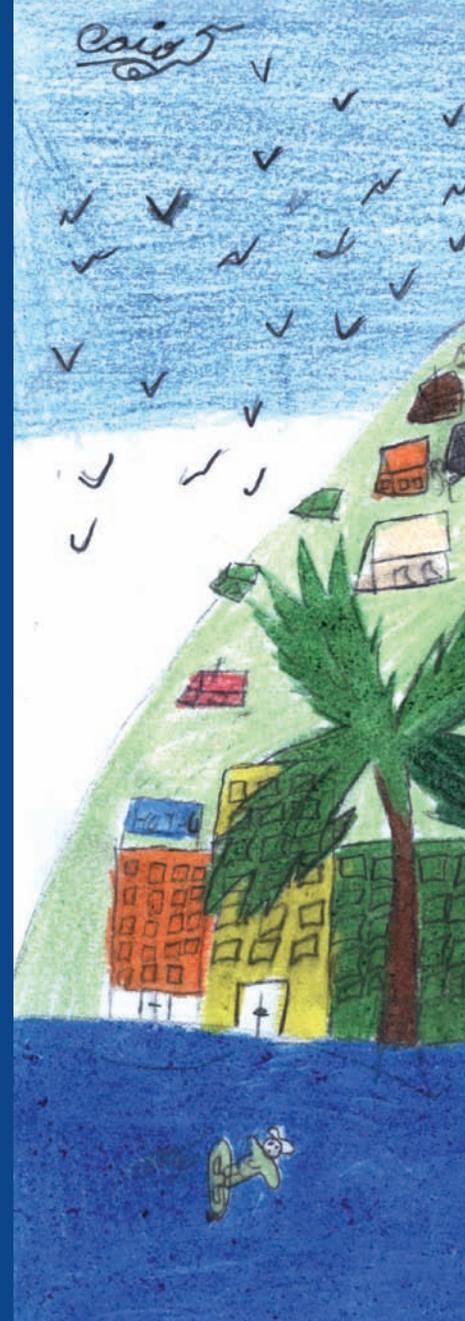
GERÊNCIA DE JORNALISMO: **Martha Neiva Moreira • Renata Petrocelli** (editora) • **Fábio Aranha, Carolina Bessa e Bete Nogueira** (reportagem) • **César Garcia** (copidesque e revisão) • **Alberto Jacob Filho** (fotografia)

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS/NTI: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação), **Adriana Simeone, Aline Carneiro, David Macedo e Gustavo Cadar** (designers) •

Vivian Ribeiro (produção gráfica)

Impressão: Cidade América Artes Gráfica

Tiragem: 36.500 exemplares



EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.
Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210
www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br
Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212



Desenho de Caio César de Oliveira, de 16 anos,
aluno da E. M. Rostham Pedro de Farias, Cavalcante, 5ª CRE

4 editorial

5 cartas

6 ponto e contraponto

Um nó ainda a ser desatado

10 carioca

Templo da música orquestral

13 MULTIRIO na web

Uma iniciativa promissora

14 parceria

Proteção a crianças e jovens

15 olho mágico

18 caleidoscópio

Quando o jogo muda a regra

22 professor on-line

Benefício a qualquer tempo

23 rede fala

A importância dos primeiros dias

25 sala de professores

As relações de ensino na escola

28 capa

O homem e o sentido do trabalho

34 atualidade

Conhecer para desmistificar

36 presente do futuro

Hora de voltar à sala de aula

39 pé na estrada

Viagem à época de D. João

Olhar crítico sobre a TV

44 foi assim

História contada em verbetes

47 machadiano

Lugares do Rio de Machado

49 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

Ao trabalho

O trabalho é uma dimensão muito presente na vida de todos nós. Agora mesmo, enquanto lê a NÓS DA ESCOLA, ainda que em um de seus momentos de lazer, você certamente pensa no seu ofício, reflete sobre sua prática cotidiana, labora questionamentos, conceitos e análises.

Nossa matéria de capa deste mês trata do papel do trabalho na vida do homem, de sua ligação com a cidadania e do quanto nos criamos e nos definimos através daquilo que fazemos. Especialistas em educação, psicologia e história comentam a importância e o lugar do trabalho em nossa vivência pessoal, social e histórica.

De fato, não é possível separar o que somos de nossa atuação sobre o mundo. Trabalho é vida também. Isso se reflete na escola, onde o trabalho diário exige a integração de todas as dimensões da existência dos alunos – sua realidade e história, seus sonhos e anseios, sua subjetividade. Um belo exemplo deste fato pode ser conferido na seção *Caleidoscópio*, que aborda o caso de um aluno com falta de interesse nas atividades escolares e dificuldades de aprendizagem, especialmente em matemática. Em seu dia-a-dia, no entanto, ele atua como trocador de uma kombi que presta serviço de transporte alternativo, realizando com desenvoltura as operações matemáticas necessárias ao trabalho.

A análise do caso mostra, entre outras coisas, que educar deve ser um processo pleno e inteiro. Como tal, não pode prescindir da total integração entre família e escola. É justamente disso que trata a seção *Presente do futuro*, na qual discutimos a importância crucial do envolvimento dos pais com o cotidiano escolar dos filhos. Os professores podem acolher e incentivar essa presença, com atenção, sensibilidade e criatividade.

Outros destaques desta edição são uma matéria sobre a Academia Brasileira de Música, na seção *Carioca*; um roteiro com os lugares percorridos por Machado de Assis no Rio de Janeiro, ou citados pelo autor em sua obra, em *Machadiano*; e o lançamento do *Dicionário do Brasil joanino*, com verbetes referentes à época em que a Família Real portuguesa esteve no Brasil, na seção *Foi assim*.

Boa leitura e bom trabalho a todos. Na escola e na vida.



Sônia Mograbi
Secretária municipal
de Educação

Assis

Agradecimento

A reportagem sobre o cest de nossa escola ficou ótima. O repórter está de parabéns. Muito obrigada pelo empenho e dedicação.

Tânia Cristina de Abreu Barbosa

E. M. França, Quintino Bocaiúva, 5ª CRE

Padre Antônio Vieira

São tantas as comemorações agendadas para 2008 que o quarto centenário do nascimento do Padre

Antônio Vieira, celebrado no mês de fevereiro passado, acabou caindo no esquecimento aqui no Brasil. Na Itália, Espanha, França, Bélgica e principalmente em Portugal, o Ano Vieirino vem sendo intensamente comemorado graças ao empenho da Universidade de Lisboa, da Universidade Católica Portuguesa e da Cúria Provincial da Província Portuguesa da Companhia de Jesus. Vieira, que chegou ao Brasil com

apenas seis anos de idade, bem mereceria ser homenageado em nosso país, por ter construído, ao longo da sua profícua vida de 89 anos, um pensamento autenticamente moderno, apesar da coexistência do aristotelismo e da filosofia escolástica, e ainda ter sobrevivido à inquisição e ao absolutismo.

Sinvaldo do Nascimento Souza

E. M. Joaquim da Silva Gomes, Santa Cruz, 10ª CRE

Um registro real do tempo

O pintor espanhol Diego Rodríguez de Silva Velázquez nasceu em 1599. Desde muito cedo se interessou por pintura e iniciou a carreira pelo naturalismo sob a influência de Caravaggio (1571-1610) e Pieter de Aertsen (1508-1575). O naturalismo é uma escola que se baseia na observação fiel da realidade. Alguns o consideram a radicalização do realismo.

Aos 23 anos, Velázquez viajou a Madri para retratar o rei Filipe IV e foi nomeado pintor da corte. Em 1628, conheceu o artista flamengo Rubens (Peter Paul Rubens, 1577-1640) e em 1629 foi à Itália estudar a obra de mestres venezianos como Tiziano (c.1485-1576) e Tintoretto (1518-1594).

Vinte anos depois, viajou à Itália para adquirir quadros para a coleção real. Nessa época o artista já se destacava então pela exploração do contorno e dos contrastes ilusionistas de luz e sombra. Retornou à Espanha em 1651, onde produziu seus melhores trabalhos, entre os quais La familia de Felipe

IV ou Las meninas, de 1656, em óleo sobre lienzo no formato de 3,18 x 2,76m, reproduzido na 4ª capa desta edição. Velázquez morreu em Madri, em 6 de agosto de 1660.

Objeto de controvérsias – Ernst Hans Josef Gombrich (1909-2001), um dos mais célebres historiadores de arte do século XX, especialmente por seus estudos sobre o renascimento, diz, sobre a obra que gostaria de imaginar, que Velázquez fixou um momento real de tempo muito antes da invenção da máquina fotográfica, ao atribuir contexto ao tema da pintura.

O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) acreditava que a obra fora realizada em diferentes tempos, pela representação que se funda em uma noção de mimésis, de imitação da realidade. Para o filósofo, são os reis os modelos executados na grande tela, da qual vemos apenas o verso, e isto nos é revelado pelo estratagema do espelho ao fundo da sala. As meninas, a princesa e suas damas de honra e os outros visitantes são trazidos para distrair os reis na sua longa pose.

Foucault ainda reflete sobre a falsidade do espelho como algo que reflete uma suposta realidade invisível e externa ao quadro. “Bastaria que nos detivéssemos um pouco para perceber que nada do que poderia ser refletido naquele retângulo especular, caso se tratasse de uma representação da realidade espacial, está nele refletido”, observa o filósofo. O auto-retrato do pintor também suscita inúmeras observações. Entre elas a de que Velázquez se utilizou de um espelho para se retratar e aparecer como testemunha de seu ofício dentro do espaço que o pintor acabara de executar, oferecendo-se como parte do espetáculo.

Parece que nem a filosofia, a física ou a escola de artes visuais conseguem decifrar enigmas e conceitos encontrados nesta obra de Velázquez: a organização/divisão da tela; o ideal e o real na representação da realidade possível; o jogo lúdico com a luz; a possibilidade de vislumbrar dois instantes separados pelo tempo e pelo espaço; o falso reflexo dos reis no espelho falso etc. (CRISTINA CAMPOS)

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para multirio_dpub@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso site: www.multirio.rj.gov.br



Um nó ainda a ser desatado

Há uma crença em torno da matemática que tira o sono de professores e alunos. Acredita-se que a disciplina seja um bicho-papão – aquela que, no momento do impasse da aprovação ou não de um aluno, resolve a questão. Para uns pode até ser, mas o certo é que o conhecimento matemático é fundamental para a vida de todos nós. “A matemática organiza o nosso pensamento, ajuda-nos a inferir, a deduzir e a fazer analogias”, observa Claudia Segadas Vianna, professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenadora de um grupo de pesquisas do Projeto Fundação, desenvolvido pelo Instituto. Ou seja, a disciplina nos ajuda a raciocinar sobre algum problema que precisamos resolver. Pena que, de uma forma geral, privilegie-se a decoreba dos modos de solucionar questões matemáticas, em detrimento do desenvolvimento do raciocínio, do processo – como nos aponta a professora nesta entrevista.

Por que a matemática continua sendo uma questão a resolver na escola?

O que eu percebo é que o ensino continua muito tradicional. Tradicional no sentido de algebrismos excessivos, por exemplo. Não se privilegia um ensino voltado ao desenvolvimento do raciocínio. Quando se vê fatoração, por exemplo, normalmente o professor pede que o aluno decore 10 tipos de casos como se fossem particulares. Na verdade, há todo um raciocínio a ser entendido, que permitirá ao aluno resolver o que está sendo pedido sem precisar decorar cada caso. É importante lidar bem com a álgebra, mas não encarando cada questão como uma nova matéria. A matemática desse jeito fica mesmo difícil e chata. Acontece muito também um certo artificialismo quando se tenta contextualizar as questões, os problemas. Uma vez vi uma prova que trabalhava com algarismos romanos. A questão era algo do tipo: “Na copa de 1970 havia tantos times jogando contra...” O que o professor fez foi pôr o 1970 em romanos. Essa contextualização foi tão artificial que não deve ter facilitado em nada a vida do aluno. Outra coisa: há sempre um tom de ameaça quando se fala em matemática. Quando fui professora do estado [do Rio de Janeiro], há anos, era comum nos conselhos de classe deixar para a disciplina a decisão de aprovar ou não o aluno. Querendo ou não, esse “papel” delegado à matemática chega ao aluno.

O que deve ser trabalhado na matemática escolar?

A maneira de pensar, de organizar o raciocínio. As pessoas com domínio da matemática têm pensamento organizado e trabalham bem com dados. Isso tem a ver com o desenvolvimento da intuição, da capacidade de deduzir. Mais do que fazer a conta, é importante entender todo o processo que levou ao resultado final.

Você falou em contextualizar a matemática e citou uma experiência malfeita. Que contextualização faz sentido na educação matemática?

Vou citar dois exemplos. Existe um projeto de alfabetização matemática da UFRJ na comunidade da Maré e tínhamos lá um monitor

lá que já foi aluno nosso aqui do Instituto. Ele organizou com a turma de educação de jovens e adultos [EJA] um supermercado. Eles trouxeram os produtos, calcularam quanto valia cada um e montaram, a partir do projeto, questões, problemas... Faz todo o sentido, dessa forma. Outro aluno nosso dava aula numa turma de EJA e nessa turma várias pessoas trabalhavam, entre elas um vendedor de suco de açaí. Ele pediu então que esse vendedor trouxesse o custo de cada produto utilizado na preparação do suco. Com os dados, os dois calcularam o quanto era justo cobrar por um copo, que lucro deveria dar etc. Isso não é uma situação artificial.

Que recursos os professores devem utilizar para a alfabetização matemática de crianças de educação infantil?

Todo o universo lúdico de jogos e brincadeiras deve ser usado para trabalhar o raciocínio com as crianças.

Mas você não acha que mesmo com alunos do ensino fundamental a criatividade na hora de lecionar matemática é importante?

Com certeza. Matemática é uma disciplina que requer criatividade mesmo, para não ficar maçante. Percebo que o ensino de outras disciplinas avançou, mas o de matemática na escola continua por vezes o mesmo. Vejo adolescentes fazendo trabalhos interessantíssimos de história, de ciências etc., mas quando observo a lição de matemática, ou a prova, me entristeço porque percebo que pouco ou nada mudou. Fico pensando que foi atribuído à disciplina um papel cruel na educação. Nos cursos de formação de professores, de nível médio, por exemplo, é raro encontrar quem goste de matemática.

O que é um problema...

É verdade. O aluno deste curso de formação de professores tem resistência à matemática e geralmente o que prevalece nas turmas é a dúvida: “Será que vou precisar mesmo disso?”. Cativar este aluno é importantíssimo. São pessoas jovens que podem e devem romper certos preconceitos e enxergar a beleza que ►

TEXTO

MARTHA NEIVA MOREIRA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

há na matemática. Dou aula de cálculo para turmas de engenharia e muitas vezes digo aos alunos: “Que demonstração linda!”. Eles normalmente não entendem quando digo isso, mas aí eu mostro, com toda a tranquilidade, de onde partiu o meu raciocínio – às vezes de algo bem pequeno – e aonde chegamos com a demonstração – muitas vezes a algo bem maior. Às vezes brinco, mudo a ordem da demonstração... isso tudo para mostrar a eles a beleza que há por trás daquele raciocínio e que a dedução em matemática tem grande poder de transformação.

Como é essa relação dos alunos com a matemática nos cursos para professores oferecidos por vocês?

Há muitos professores (que chegam à nossa Especialização) que dizem que nunca haviam percebido determinado conteúdo da forma que apresentamos. Procuramos nas disciplinas da especialização trabalhar com a matemática dada em sala de aula, mas de um ponto de vista mais avançado. É importante não só saber como ensinar, como também entender mais profundamente o que se está ensinando. Buscamos também utilizar uma metodologia que eles possam reproduzir com os alunos na sala de aula. Fazemos exercícios com debates, argumentação... como gostaríamos que eles fizessem com seus alunos.

O que eles trazem de questões, dúvidas ou expectativas?

Chegam querendo aprender matemática de forma diferente da que aprenderam na escola e na faculdade. De uma forma geral, recebemos dois tipos de alunos: os otimistas, que acreditam na possibilidade de mudar a sua forma de ensinar, e outros mais descrentes, que não acreditam que com 40 alunos em sala de aula possam trabalhar bem. O que fazemos, então, especialmente com estes últimos, é dizer-lhes que não adianta esperar uma situação ideal. Experimentamos com eles novas idéias, novas práticas e pedimos que as testem para que percebam que elas podem dar certo. Usamos também textos para que reflitam sobre as crenças que existem em torno da matemática e de seu ensino e aprendizagem. A forma pela qual o professor concebe a matemática e seu

ensino influencia diretamente a forma como ensina, assim como a expectativa que tem em relação ao seu aluno.

O que significa ensinar e aprender matemática?

É difícil dar uma definição, posso verbalizar algumas idéias. Ensinar matemática é trabalhar com uma certa forma de raciocínio, de estruturação de idéias e dados. Trabalhar com os alunos de forma que eles saibam manipular os dados. Aprender matemática é ter a capacidade de usar esses dados para solucionar problemas, fazer ligações, associações, analogias.

Dos conteúdos escolares, quais você diria que são os nós, de fato, na matemática?

Proporcionalidade e geometria, por exemplo. Na geometria você pode trabalhar com figuras, inferindo relações sobre seus elementos. O que acontece é que muitas vezes problemas de geometria se transformam em questões de álgebra, que não exigem visualização, exercício importante para todos. Digo isso porque é fundamental para a nossa vida cotidiana reconhecer as figuras que estão ao nosso redor, se situar no espaço, entender as propriedades das figuras, utilizar conceitos como área e perímetro, por exemplo. A geometria é também base para a construção de outros conceitos da matemática. É um pilar para outros conhecimentos. Por isso é tão importante que seja bem entendida, mas isso nem sempre acontece.

Por quê?

Há uma questão histórica. Os livros antigos tratavam a geometria de uma forma bem axiomática, com teoremas que muitos alunos decoravam e não compreendiam em seus processos de desenvolvimento. Embora muitas vezes fossem excelentes livros, não atingiam a maioria do seu público. A matemática moderna, por sua vez, trouxe muitas idéias novas, mas difíceis de ser entendidas por alunos de ensino fundamental e médio. A geometria, então, passou a não ser dada na escola, ficando sempre no último capítulo do livro e, como muitos professores sabem, o último capítulo acaba não sendo trabalhado



mesmo. Hoje isso vem mudando um pouco. Pelo menos nos livros aprovados pelo MEC, a geometria está em diversas partes do texto. O que observamos, porém, é que muitos professores não sabem trabalhar este conteúdo porque simplesmente não o aprenderam na escola nem na licenciatura. Procuramos ensinar geometria básica em nossos cursos.

[E a questão da proporcionalidade...](#)

Normalmente se aprende que regra de três é uma coisa e proporcionalidade, outra. Acontece que são um mesmo conteúdo. E só é um nó porque virou um conjunto de regras trabalhadas com ênfase em apenas uma série do ensino fundamental. Está errado! Não é um conjunto de regras e permeia o conteúdo de várias séries. Aliás, o professor deve fazer entender ao aluno que o trabalho com matemática deve ser em espiral mesmo, que os conteúdos vão e voltam ao longo das séries.

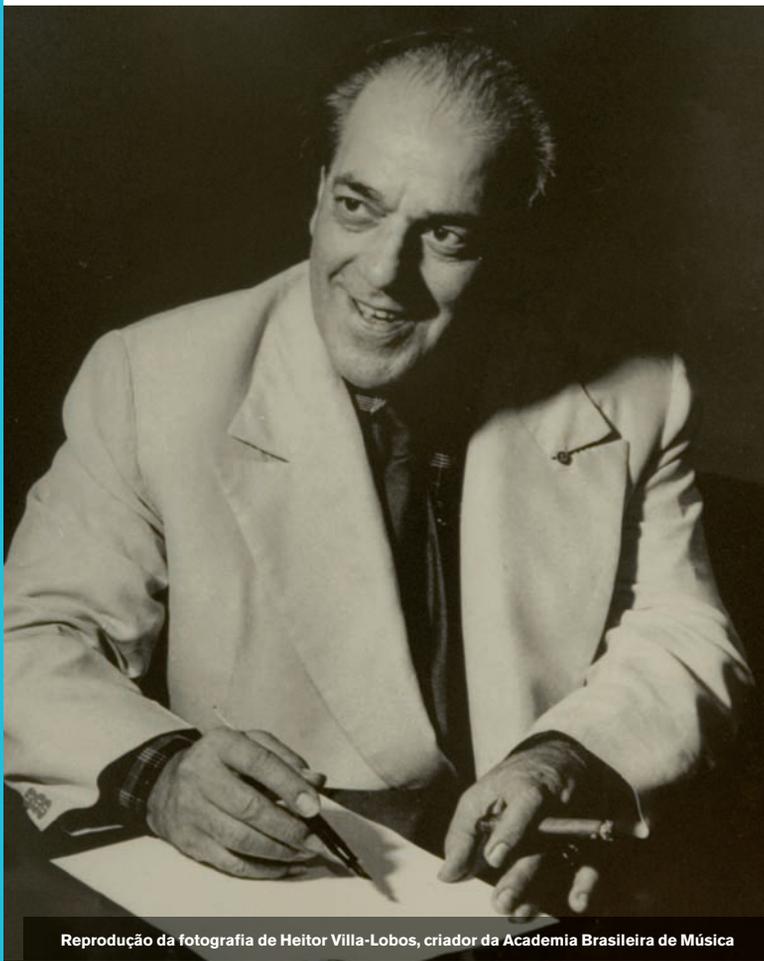
[E na matemática trabalhada nas primeiras séries do ensino fundamental, há algum nó?](#)

As operações são um problema. Fizemos uma avaliação com mais de 1 mil alunos aqui do Rio em 2000 e o que percebemos é que eles

não entendem esta parte. Os algoritmos não são entendidos bem, não sabem o que é “mais um”, o que é “pedir emprestado”. Os materiais que poderiam ser utilizados nem sempre são conhecidos. E, na verdade, nem precisa ter materiais específicos. Com palitos de sorvete você trabalha agrupamentos, por exemplo. Outro desafio são os problemas. Problemas de duas frases. Os alunos lêem a primeira frase e trabalham apenas com os dados preliminares. A segunda frase fica esquecida. Outra coisa acontece muito, também: eles utilizam os números do enunciado do problema aleatoriamente, fazem uma conta qualquer. Isso reflete uma dificuldade de leitura e de interpretação. O professor, antes de fazer a conta, deve conversar muito com a sua turma sobre o que o problema está pedindo. Deve perder um pouco do tempo e parar com os alunos para pensar como devem trabalhar com os dados. Na matemática, do primeiro ao quinto ano, as quatro operações são realmente fundamentais, assim como a resolução de problemas. São noções com as quais eles vão lidar o resto da vida. Este conteúdo deve ser trabalhado a partir de recursos diversos, que podem, inclusive, divertir e ajudar o aluno a aprender os processos envolvidos.■

Templo da música orquestral

Academia Brasileira de Música reúne obras clássicas compostas no país desde o período colonial



Reprodução da fotografia de Heitor Villa-Lobos, criador da Academia Brasileira de Música

Dizem que é por lá que costumam passear as musas¹. Pudera. É na Lapa que, além de acordes diversos que reverberam em cada esquina, estão alguns dos pequenos templos da nossa música: Sala Cecília Meireles, Escola de Música da UFRJ, Museu da Imagem e do Som e a Academia Brasileira de Música (ABM), instituição criada pelo maestro Villa-Lobos há mais de 60 anos. Tendo como missão primordial promover o encontro dos responsáveis pela nossa boa

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTOS

REPRODUÇÕES E

ALBERTO JACOB FILHO

¹As nove musas, segundo a mitologia grega, são as responsáveis pelas inspirações artísticas, seja na música, poesia, canto etc.

música orquestral (que a exemplo da música popular é respeitada internacionalmente – ainda que a repercussão não seja tão extensa), a ABM é a memória nacional da modalidade, seja como editora de partituras, seja lançando CDs ou divulgando os artistas por suas publicações e apresentações.

Quando Villa-Lobos fundou a academia em 14 de julho de 1945, seu objetivo era organizar uma instituição de caráter honorífico para reuniões culturais, palestras sobre música brasileira e concertos – quando havia recursos. Foram reunidas 40 grandes personalidades da cena musical para ocupar as cadeiras da nova instituição, aos moldes da Academia Brasileira de Letras e da Academia Francesa. Para cada cadeira, foi escolhido um patrono – um músico ou pesquisador musical notório, como Carlos Gomes, Mário de Andrade, padre José Maurício Nunes Garcia, Leopoldo Miguez e Ernesto Nazareth.

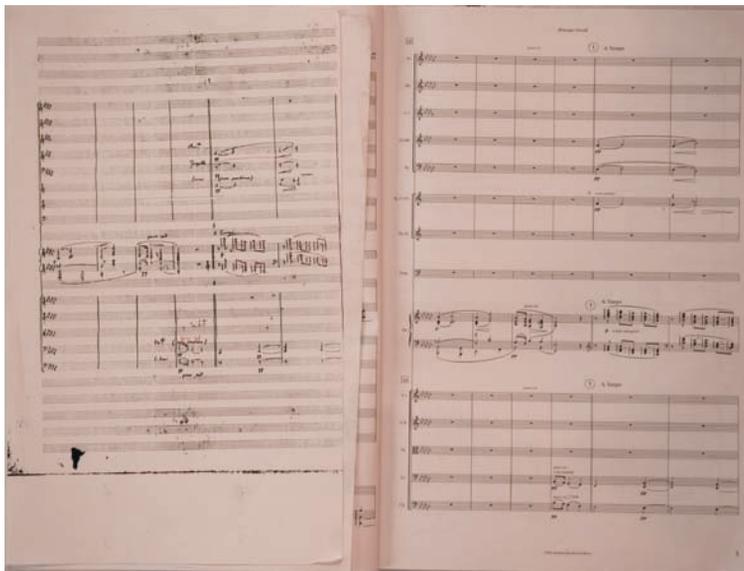
Entre os acadêmicos fundadores estava a nata da música orquestral do momento, fosse em composição, interpretação ou musicologia: Radamés Gnatalli, Lorenzo Fernandez, Claudio Santoro e Camargo Guarnieri, entre outros, que passaram a ocupar suas cadeiras de forma vitalícia. Até hoje é assim: vagas só são abertas em caso de morte, e novos candidatos a imortais passam por uma eleição. Segundo o atual presidente, o maestro e compositor Ricardo Tacuchian, há três exigências “informais” para ser um acadêmico: que o músico seja conhecido nacionalmente; tenha alguma projeção internacional; que sua conduta seja marcada pela ética; e que tenha desenvolvido um forte trabalho voltado para a música brasileira. “Hoje, além de honorífica, a ABM procura preservar a memória da música brasileira e atua em projetos que facilitam sua divulgação, seja a produção musical do passado, seja a contemporânea”, explica.

Mas essas ações só são possíveis hoje porque Villa-Lobos deixou em testamento os direitos autorais de suas composições para a

ABM. Por isso, a herdeira do grande compositor é carinhosamente chamada de Casa de Villa-Lobos. Só que esse presente dos deuses tem data de validade: 2029. A partir daí, a obra do compositor carioca cairá em domínio público, transcorridos os 70 anos de sua morte. A primeira sede própria, esta da Lapa, foi adquirida há sete anos, graças a esse recurso e também a apoios institucionais, como o do Ministério da Educação, e recursos provenientes do *copyright* (direitos autorais) de sua produção. “Já estamos formando um fundo para no mínimo garantirmos a sede”, conta o presidente, acrescentando que o lugar passou por reforma e que seu espaço hoje comporta pequenos concertos, salas de reuniões, salão social e uma biblioteca-arquivo com a correspondência dos acadêmicos do passado, recortes de jornais, livros e vinis.

Banco virtual – Um dos trabalhos mais importantes é o Banco de Partituras. É uma editora virtual que “editora música brasileira com qualidade internacional”, de acordo com Tacuchian. A instituição vende ou aluga esse acervo para intérpretes e orquestras do mundo todo. “Antes, a maioria da literatura musical era manuscrita, o que dificultava a difusão, principalmente internacional. Os próprios músicos brasileiros às vezes evitavam certas obras porque a qualidade da edição era ruim, dando erro de leitura”, explica. Os compositores ou herdeiros dos nossos compositores autorizam a ABM a administrar a obra, o que se torna mais vantajoso para eles, já que a editora não tem fins lucrativos. Por conta disso, a ABM passou a ser ponto de referência. Antes de escolher alguma obra nacional, músicos e maestros, primeiro de tudo, olham o catálogo da Academia: é o “Google” da música brasileira.

O primeiro passo para chegar ao catálogo é pegar a partitura, ainda manuscrita, e digitali-



A digitalização é o primeiro passo do trabalho realizado no Banco de Partituras

zá-la por meio de um *software* chamado Finale. Depois, é feita uma revisão musicológica: um especialista analisa toda a partitura para se assegurar de que não houve erros na transcrição ou até mesmo erro de anotação do próprio autor, o que é feito mediante a comparação de notas, de tempos etc. “Pode acontecer de o compositor, na hora em que está criando a obra, esquecer de fazer alguma marcação na folha de partitura, e pela comparação com a obra completa o musicólogo pode identificar isso”, explica Tacuchian.

Com todo esse cuidado, a música brasileira passa a ser mais competitiva, tendo mais chance de ser executada em qualquer parte do mundo. Quando uma orquestra quer uma obra completa, ela compra. Mas quando precisa apenas de algumas partes, aluga da editora. “Isto é uma norma mundial. As orquestras não podem utilizar fotocópias para não ferir as leis do direito autoral”, diz o maestro. ▶

Série Brasileira 2008 na Casa de Rui Barbosa

- 29 de abril – José Staneck (gaita), Antonio Del Claro (violoncelo) e Flavio Augusto (piano)
- 27 de maio – Duo Bartoloni (violões)
- 24 de junho – Pedro Luiz Lima (violão)
- 29 de julho – Maria Haro (violão)
- 26 de agosto – Trio Mignone (piano, *cello* e flauta)
- 30 de setembro – Quarteto de Cordas Radamés Gnatalli
- 21 de outubro – Glacimere Brito de Oliveira (mezzo-soprano)
- 25 de novembro – Marcelo Tys (piano)



O maestro e compositor Ricardo Tacuchian é o atual presidente da Academia Brasileira de Música

Outras ações – Quem estuda ou curte música, pode pesquisar *on line* a Bibliografia Musical Brasileira, que registra tudo o que se escreveu no Brasil sobre a música erudita como um todo e praticamente tudo o que se escreveu no exterior sobre a música brasileira: artigos, revistas, teses e as matérias mais consistentes da imprensa diária. Além disso, a casa publica catálogos de obras de compositores famosos e monografias de temas musicológicos. A revista semestral *Brasiliana*, com distribuição dirigida, traz artigos de especialistas. Seus CDs e livros são vendidos principalmente em centros culturais.

Para um público mais abrangente, a ABM promove a Série Brasiliana, em convênio com a Casa de Rui Barbosa (*veja a programação no quadro da página 11*), concerto abertos ao público exclusivamente com criações nacionais. Também de caráter popular é o projeto Trajetórias, série de depoimentos dados por integrantes do mundo musical, não necessariamente acadêmicos, gravados com a presença do público. Ao final, os presentes podem fazer perguntas. O próximo está marcado para o dia 8 de maio, com Nicolau Martins de Oliveira, que desenvolve amplo trabalho de educação musical com crianças de Volta Redonda (RJ). Já participaram da série Edino Krieger, o próprio Tacuchian, Rosana Lanzellotte, Vasco Mariz, Laís de Souza Brasil, Ronaldo Miranda e Turíbio Santos (atual vice-presidente), entre outros.

Música na veia – A ABM tem a intenção de desenvolver ações educativas, mas isso depen-

de de patrocínio. A casa já apoiou um projeto do gênero, o Villa-Lobinhos, desenvolvido pelo Museu Villa-Lobos e voltado para crianças do Morro Dona Marta, em Botafogo.

A preocupação dos acadêmicos em trazer a música para o cotidiano das crianças é antiga, como atesta um recorte do *Jornal do Comércio*, da década de 1940, arquivado na biblioteca da casa, assinado por Lorenzo Fernandez. Pouco mudou nessas décadas. Atualmente, a ABM está envolvida na campanha pela volta da obrigatoriedade da prática de música nas escolas de ensino fundamental. “É um complemento à formação espiritual do aluno”, explica o presidente. Com o tempo, isso se refletiria em outras pontas, como a criação de novas orquestras, outro quesito em que o Brasil tem uma longa estrada pela frente: enquanto nos Estados Unidos há 1.500 boas orquestras, no Brasil são apenas 20.

Enquanto se decide em Brasília sobre a volta da música como disciplina no currículo escolar, há muitos nomes e acordes para conhecer no vasto campo da música orquestral. Ainda hoje, Carlos Gomes e Villa-Lobos são os que têm repercussão internacional. Aqui também são os mais conhecidos, e referências em outras manifestações artísticas são bem-vindas. Este ano, por exemplo, a Escola de Samba Unidos do Viradouro, com o enredo “É de arrepiar”, exibiu uma ala com fantasias inspiradas na villa-lobiana *Trenzinho do caipira*, a mesma canção já citada no samba-enredo “Paulicéia Desvairada”, da Estácio de Sá, campeã em 1992. ■

SAIBA MAIS

Endereços

- Academia Brasileira de Música – Rua da Lapa, 120/12º andar – Lapa. Tel.: 2221-0277. www.abmusica.org.br
- Casa de Rui Barbosa
Rua São Clemente, 134 – Botafogo. Tel.: 3289-4600. www.casaruibarbosa.gov.br

Uma iniciativa promissora

Projeto Ensino Aberto disponibilizará livros e material didático gratuitos a qualquer internauta

Quando Jimmy Wales e Richard Baraniuk lançaram duas das maiores plataformas de mídia de fonte aberta – Wikipedia¹ e Connexions², respectivamente –, pouca gente acreditou que aquelas iniciativas teriam sucesso. Hoje eles são referências mundiais e suas criações servem como base de pesquisa para centenas de milhões de internautas em todo o planeta. Agora, Wales e Baraniuk, juntamente com cientistas agraciados com o Nobel, pesquisadores e educadores, se unem em um plano ainda mais ousado: o projeto Ensino Aberto, movimento que se propõe a estabelecer novas bases para a produção de material didático.

Em artigo publicado em vários jornais do mundo³, Wales e Baraniuk apresentam as bases do projeto Ensino Aberto. A idéia é criar na internet um espaço onde livros e outros materiais de suporte à aprendizagem sejam oferecidos gratuitamente a qualquer internauta. Mas não é apenas isso. O professor poderá adaptar o material pedagógico, (re) criando livros, mapas, apostilas e adaptando tudo isso à realidade local.

Antes que surjam acusações de violação ao direito autoral, Wales e Baraniuk frisam que no Ensino Aberto todos os materiais terão licença aberta. Isto permitirá a produção, o acréscimo e/ou correção de informações já apresentadas na plataforma. A proposta tem potencial para gerar transformações tão profundas quanto as produzidas pelo *software* livre ou pelo sistema “pague quanto quiser” para *download* de músicas.

O projeto Ensino Aberto põe em destaque a figura do professor, pois dá ao educador a oportunidade de não apenas consumir/indicar livros, mas também de se tornar autor. Para usar

um conceito muito em voga nos meios empresariais, o professor poderá oferecer a seus alunos materiais customizados, desenvolvidos a partir de necessidades específicas. Em comparação com os livros de prateleira, produzidos em larga escala e que não levam em conta demandas localizadas, a proposta representa um avanço significativo.

Os mais céticos dirão que a idéia de Wales e Baraniuk é utópica e inexequível – classificações semelhantes às que receberam a Wikipedia e a Connexions quando foram lançadas. No entanto, 30 pesquisadores se reuniram em setembro de 2007 na Cidade do Cabo, na África do Sul. O encontro⁴ serviu para estabelecer as bases para a implementação do projeto Educação Aberta. As discussões deram origem ao documento *The Cape Town Open Education Declaration*⁵.

O *site* com a declaração entrou no ar em 22 de janeiro. Em menos de um mês, com a velocidade das grandes transformações geradas pela internet, ele reuniu a assinatura de cerca de 1.300 pessoas e de 123 instituições de todos os continentes em apoio ao projeto Ensino Aberto. De acordo com os organizadores do encontro da Cidade do Cabo, a adesão à proposta superou as expectativas.

É bom ficar atento a esse movimento. Talvez estejamos assistindo ao surgimento de mais um fenômeno transformador típico do mundo digital. Wikipedia, Connexions, linguagem Linux e muitas plataformas abertas foram tachadas em um passado recente como “maluquices” de um bando de *nerds* utópicos. O projeto Ensino Aberto tem tudo para ser outra “maluquice” transformada em sucesso. ■

TEXTO

MARLUCIO LUNA, EDITOR DE
CONTEÚDO DO PROGRAMA
SÉCULO XXI

¹A Wikipedia (www.wikipedia.org) é uma plataforma para internet cuja função básica é permitir que qualquer pessoa contribua com seu conhecimento para a montagem de uma enciclopédia virtual. Todo o acervo reunido na Wikipedia usa recursos abertos e é gratuito.

²A Connexions Online (www.connexions.org) é uma plataforma cujo objetivo é permitir que autores, professores e estudantes compartilhem e adaptem apostilas, livros didáticos e cursos on-line.

³No Brasil, o artigo “A revolução do ensino aberto” foi publicado no jornal *Valor Econômico*, em 24 de janeiro de 2008.

⁴Para mais informações sobre o encontro, acesse o *site* (em inglês) <http://www.capetowndeclaration.org>

⁵A íntegra do documento (também em inglês) está disponível em <http://www.capetowndeclaration.org/read-the-declaration>

Proteção a crianças e jovens

Operação Resgate, da SMAS, vem acolhendo vítimas de abuso e exploração sexual no município

TEXTO
FÁBIO ARANHA

Desde outubro de 2007 está em operação um serviço da Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS) que amplia a proteção a crianças e adolescentes. A iniciativa, conhecida como Operação Resgate, visa remover jovens de situações de abuso e de exploração sexual. Para receber o atendimento de uma equipe da SMAS, basta uma ligação da própria vítima ou mesmo uma denúncia anônima de vizinhos para os telefones da Operação. Há equipes da secretaria disponíveis para atendimento 24 horas.

Caso a própria criança ou adolescente entre em contato com o serviço, será marcado um encontro em lugar público com vistas ao acolhimento. Professores cujos alunos se sentirem ameaçados também poderão marcar atendimento. “Quando, por exemplo, uma escola nos liga relatando uma suspeita de que algum aluno está sendo vítima de abuso, a informação vai para um dos nossos centros de referência. A equipe desse centro faz uma visita à casa da criança, conversa com os pais e depois com ela, separadamente. O resultado da investigação é relatado em comunicado ao juizado, para que as medidas cabíveis sejam tomadas, podendo a criança até mesmo ser retirada do convívio familiar”, explica a subsecretária de Assistência Social, Marília Rocha. As equipes dos centros de referência são formadas por assistentes sociais e psicólogos.

A subsecretária acrescenta que o trabalho com a família continua sendo realizado mesmo

depois da constatação de que está ocorrendo uma situação de abuso ou de exploração sexual, pois os laços familiares devem ser preservados em prol do bem-estar da criança. “Em casos em que é o próprio pai que comete o abuso, é preciso lidar com o resto da família. É necessário averiguar se a mãe tem condições de cuidar sozinha da criança. Caso não tenha, é preciso ver se há alguém na família que possa. Se ainda não houver, a criança é encaminhada a um dos centros de acolhimento do município ou para o programa Família Acolhedora, de acordo com o parecer do Ministério Público, das varas de infância e da polícia. Também é feito um acompanhamento psicológico com a criança”, afirma.

Conscientização – Para Marília, é importante a sociedade se conscientizar de que todos são responsáveis pelo bem-estar de crianças e adolescentes. “As pessoas muitas vezes acham que não é da sua conta, mas todos nós temos uma responsabilidade. E não é preciso nem se identificar ou mesmo ter certeza na hora de denunciar: qualquer pessoa pode relatar uma suspeita. O ônus da investigação é nosso”, diz.

A Operação Resgate é parte de um programa mais amplo, o Serviço de Combate ao Abuso e Exploração Sexual, cujas ações e planejamento são executados diretamente pela SMAS. O serviço, que conta com a parceria do governo federal, oferece atendimento psicológico e social a vítimas de violência sexual e a seus familiares, e os encaminha à rede de serviços públicos de promoção social. O atendimento é realizado nos quatro centros de referência, que funcionam nas zonas Sul, Norte e Oeste da cidade. Dentre outros objetivos, o serviço propõe o resgate dos vínculos familiares, a mediação do conflito intra e extrafamiliar e a articulação com outras políticas sociais. A meta da secretaria é chegar ao final de 2008 com sete centros de referência em funcionamento. ■

Centros de atendimento

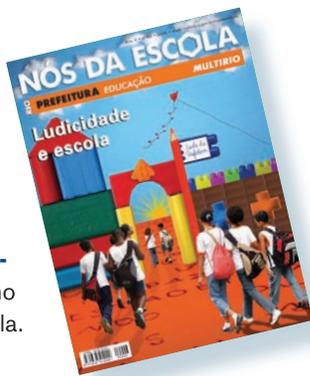
- Centro Municipal de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes Leila Diniz – Praça São Salvador, 56 – Laranjeiras
- Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas) Padre Guilherme Decaminada – Rua Lopes Moura – Santa Cruz
- Creas Nelson Carneiro – Rua Professor Lacet, 57 – Ramos
- Creas Aldaíza Sposati – Rua Professor Carlos Venceslau, 211 – Realengo

Os centros funcionam de segunda a sexta de 9h às 18h.

'Olho mágico' reproduz os sumários de NÓS DA ESCOLA do nº 43 ao nº 48.

Revista nº 43

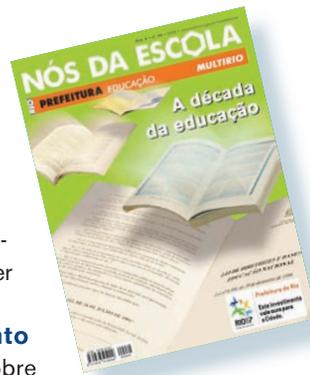
Ano 4/2006



- **Zoom** – O que você faz para educar os filhos para o trânsito?
- **Ponto e contraponto** – A arte no contexto da escola. Ana Mae Barbosa
- **Pan 2007** – Capital mundial do esporte. Infra-estrutura urbana
- **Carioca** – Pelos salões do Palácio. Palácio Itamaraty
- **Século XXI** – Fonte inesgotável de idéias. Educação ambiental
- **Parceria** – Sinal verde para a educação. CET-Rio
- **Rede fala** – Reconstruindo jogos e brincadeiras cooperativamente. (E. M. Augusto Conny)
- **Olho mágico** – Uma experiência enriquecedora. Visita de alunos residentes à MULTIRIO
- **Professor on-line** – Território livre do saber. Textos em domínio público
- **Caleidoscópio** – Diversidade dentro da sala
- **Matéria de capa** – A prata da casa vale ouro. Ludicidade e sucesso escolar
- **Artigo** – Tenho motivos para chamar sua atenção. Fernando Mozart Baumworcel
- **Atualidade** – Desafio para a humanidade. Aquecimento global
- **Presente do futuro** – Abaixo o 'recorte e cole!' Pesquisa na Internet
- **Pé na estrada #1** – Uma cidade em novo ângulo. (E. M. Professora Marita de Vasconcelos)
- **Pé na estrada #2** – Dia de repensar a escola. (E. M. Alencastro Guimarães)
- **Pé na estrada #3** – Ciência é a maior diversão. Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (9ª e 10ª CREs)
- **Foi assim** – Terminal marítimo da cidade. Baía de Sepetiba
- **Perfil** – Sensibilidade à flor da pele. Margaret Mee
- **Cartaz** – Zumbi
- **Giramundo** – Imagem e geografia

Revista nº 44

Ano 4/2006



- **Zoom** – O que os professores gostariam de ler nas edições de 2007?
- **Ponto e contraponto** – Olhar 'ribeirinho' sobre as muitas histórias do Velho Chico. Inácio Ribeiro Neves
- **Pan 2007** – O mais alto vôo da cidade. Entrevista com Cesar Maia.
- **Carioca** – Por quem os sinos dobram. Igrejas do centro da cidade.
- **Século XXI** – Tecnologia na sala de aula. Mostra Século XXI.
- **Parceria** – Uma aposta na criatividade. Obra Social do Rio.
- **Rede fala** – Uma proposta de leitura estendida. (E. M. Joaquim da Silva Gomes)
- **Olho mágico** – divertida aula de geografia. Programa *Aventuras cariocas*
- **Professor on-line** – Contas abertas ao público. Rio Transparente.
- **Caleidoscópio** – Mergulho no conhecimento. Caderno do Professor.
- **Matéria de capa** – LDB: 10 anos de conquistas.
- **Artigo** – Multieducação e a persistência transformadora. Regina de Assis.
- **Atualidade** – Alternativas em transportes. Novos combustíveis.
- **Presente do futuro** – Goles de dependência e ruína. Alcoolismo em família.
- **Pé na estrada #1** – Comunicação como proposta. (E. M. Mário Claudio)
- **Pé na estrada #2** – O passado visto de perto. (E. M. Joaquim da Silva Gomes)
- **Pé na estrada #3** – Tudo começou com um sonho. (E. M. Anibal Freire)
- **Foi assim** – Muita história para contar. Cassino da Urca.
- **Perfil** – "Nunca vi forró tão bom..." Luiz Gonzaga.
- **Cartaz** – Multieducação
- **Giramundo** – Linguagem da dança ▶

Revista nº 45

Ano 4/2007

- **Ponto e contraponto** – Pelo direito à comunicação. Gustavo Gindre.
- **Pan 2007** – Nova democracia nas Américas. História política e econômica dos países do continente.
- **Contos americanos** – ‘Um apólogo’. Machado de Assis.
- **Carioca** – Turismo ao sabor das ondas. Temporada de turismo marítimo.
- **Século XXI** – Conheça o novo Século XXI.
- **Parceria** – Fascínio pela informática. Iplan-Rio.
- **Rede fala** – Por uma práxis educativa. (Ciep Compositor Donga)
- **Olho mágico** – Atenção, cuidado e muito afeto. Abraço completo à infância.
- **Professor on-line** – Temporada de recompensas. Prêmios para trabalhos e projetos educacionais.
- **Caleidoscópio** – Escola como espaço de formação. Ciclo de formação.
- **Matéria de capa** – Entre fios, tramas e textos. Narrativa e narratividade.
- **Artigo** – Alguns conceitos sobre o ato de narrar. Mariangela Rios de Oliveira.
- **Atualidade** – Cotas: solução ou paliativo?
- **Zoom** – Você é contra ou a favor das cotas raciais?
- **Presente do futuro** – Menina em corpo de mulher. Menstruação e puberdade.
- **Pé na estrada #1** – A cidade vista pela janela. (E. M. Juan Montalvo)
- **Pé na estrada #2** – Receita que reúne pais e filhos. (E. M. Cecília Meirelles)
- **Foi assim** – A época de ouro do turfe carioca.
- **Perfil** – Uma vida marcada pela emoção. Gari.
- **Cartaz** – Narradores inesquecíveis
- **Giramundo** – Pesquisa sobre *Giramundo*



Revista nº 46

Ano 4/2007

- **Ponto e contraponto** – Histórias que o corpo conta. Angel Vianna.
- **Pan 2007** – América de todos os ritmos. A música produzida no continente americano.
- **Contos americanos** – ‘Sombra – uma parábola’. Edgar Allan Poe
- **Carioca** – O mundo encantado da Ebal.
- **Século XXI** – Pan 2007 na tela do monitor
- **Parceria** – Alô, alô amigos ouvintes... Rádio Escola Rio.
- **Rede fala** – Currículo: tempo e espaços. (Ciep Compositor Donga)
- **Olho mágico** – Mistérios da velha senhora. Matinta Perera
- **Professor on-line** – Ponha suas idéias no papel. Como publicar um livro.
- **Caleidoscópio** – Nova organização da escola. Ciclo de formação.
- **Matéria de capa** – Sem limites para os sonhos. Narrativas da literatura infanto-juvenil.
- **Artigo** – Não é tarefa simples escrever às crianças. Bartolomeu Campos de Queirós
- **Atualidade** – Mais de 600 animais ameaçados.
- **Presente do futuro** – O incrível mundo de Pinóquio. Mentiras infantis.
- **Zoom** – Em que situações vale a pena mentir?
- **Pé na estrada #1** – Exercício político na escola. (E.M. Luiz César Sayão Garcez)
- **Pé na estrada #2** – Pelas lentes de uma criança. (Creche Municipal Sonho Feliz)
- **Perfil** – Os fantasmas do Municipal. Porteiro.
- **Foi assim** – Pólvora que virou semente. Jardim Botânico.
- **Cartaz** – Charles Perrault e seus personagens
- **Giramundo** – Promoção da saúde na escola



Revista nº 47

Ano 4/2007

- **Ponto e contraponto** – Policial com tempero carioca. Luiz Alfredo Garcia-Roza.
- **Carioca** – Parcerias pela preservação. Programa de Adoção da Fundação Parques e Jardins.
- **Pan 2007** – A sétima arte em ebulição. Produção cinematográfica latino-americana.
- **Contos americanos** – ‘Miséria’. Folclore argentino.
- **Parceria** – Família, saúde e cidadania. Secretaria Municipal de Saúde
- **Século XXI** – TV e ‘web’: duelo de titãs
- **Professor on-line** – Sinal verde para a democracia. Eleições para diretorias dos grêmios.
- **Rede fala** – Uma sala do tamanho do mundo. (DED da 3ª CRE)
- **Olho mágico** – Novidades no ‘Rio, a cidade!’
- **Caleidoscópio** – Relações de ensino em pauta.
- **Matéria de capa** – O poder narrativo da imagem.
- **Artigo** – Da arte de despertar imagens. Nádia Rebouças.
- **Atualidade** – Escolhas nem sempre fáceis. Cuidados ao comprar brinquedos.
- **Zoom** – O que influi na hora de comprar brinquedos para as crianças?
- **Presente do futuro** – Um olhar sobre a timidez.
- **Pé na estrada #1** – Arte a serviço da geometria. (E. M. Levy Miranda)
- **Pé na estrada #2** – Sintonia com a comunidade. (Ciep Nelson Hungria)
- **Perfil** – Dedicado guardião da floresta. Guarda florestal
- **Foi assim** – Vias que aproximam a cidade. Túneis.
- **Cartaz** – Histórias, imagens e linguagens
- **Giramundo** – Quando a turma vira grupo



Revista nº 48

Ano 4/2007

- **Ponto e contraponto** – Pela popularização da ciência. Ennio Candotti.
- **Pan 2007** – Os sabores do novo mundo. Alimentos nativos das Américas.
- **Contos americanos** – ‘A zamacueca’
- **Carioca** – Ora (direis) ouvir estrelas. Observatório Nacional e Mast.
- **Parceria** – Conscientização pelo verde. Secretaria Municipal de Meio Ambiente
- **Século XXI** – Um laboratório a céu aberto.
- **Professor on-line** – Dados ao alcance das mãos. Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos.
- **Rede fala** – Fundamentos de uma educação cidadã. (DED da 3ª CRE)
- **Olho mágico** – Novidades na telinha da TV. Programa *Nós da Escola*.
- **Caleidoscópio** – Espaço socializador do saber.
- **Matéria de capa** – Para repensar o discurso científico. Narrativa científica.
- **Artigo** – Ciência moderna e a produção do conhecimento. Nélio Bizzo
- **Atualidade** – A cidade chega na frente. Mudanças climáticas.
- **Presente do futuro** – Variados laços de parentesco. Novas configurações familiares.
- **Pé na estrada #1** – Criatividade em campanha. (E. M. Bélgica)
- **Pé na estrada #2** – História de ‘papel presente’. (E. M. José de Alencar)
- **Foi assim** – Consumo no varejo. Região da Saara.
- **Perfil** – O último dos lambe-lambes.
- **Cartaz** – Curiosidades culinárias.
- **Giramundo** – Modelagem matemática na escola ■



Quando o jogo muda a regra

Atitudes e posturas para a obtenção de pontos fizeram José redescobrir as suas potencialidades

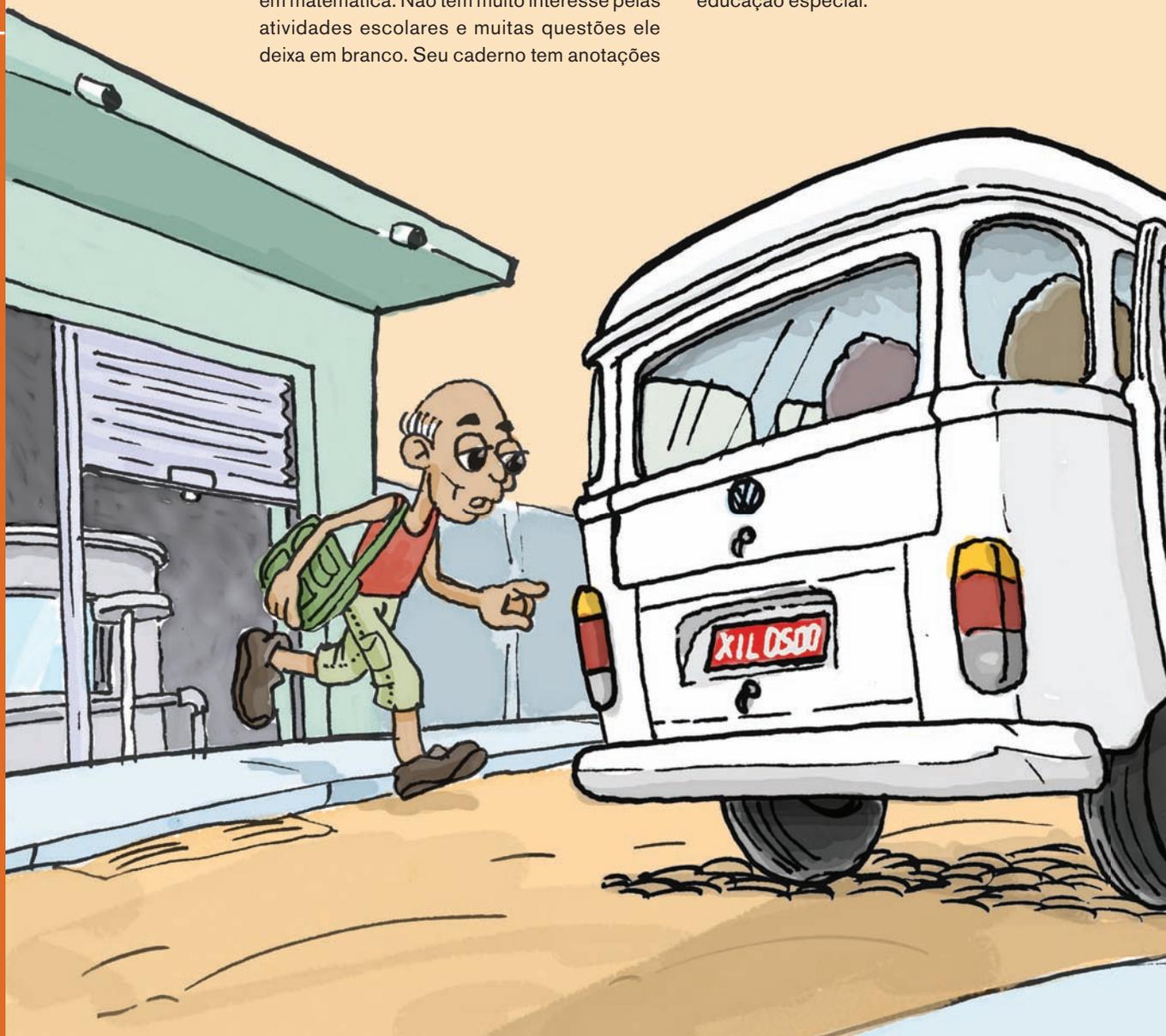
TEXTO Certo dia...

EQUIPES DA SECRETARIA
MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
(SME) E DA MULTIRIO

ILUSTRAÇÕES
DAVID MACEDO

Meu aluno José, de 12 anos, mora em uma comunidade muito pobre e de difícil acesso. Ajuda no sustento da família e trabalha como trocador na kombi que transporta os moradores. Está sendo alfabetizado na escola que funciona na comunidade e coleciona anos de reprovação e insucesso. É considerado um aluno com muita dificuldade de aprendizagem, principalmente em matemática. Não tem muito interesse pelas atividades escolares e muitas questões ele deixa em branco. Seu caderno tem anotações

incompletas e ficam pela metade as propostas encaminhadas por mim. Todos têm queixas em relação ao menino e o consideram muito lento no processo de apropriação da leitura e da escrita. Seu aproveitamento está muito defasado em relação à idade/ano de escolaridade. Por isso foi encaminhado pela escola para avaliação, para um possível encaminhamento para a educação especial.



Questões, tensões, reflexões

Quando José foi chamado para um papo informal com algumas professoras da escola, fora da sala de aula, constatamos que ele conhecia muito bem a comunidade em que vivia. Ele identificava as distâncias entre os lugares e fazia estimativas do tempo de percurso entre eles, a sua topografia. Conhecia os moradores e suas funções, as relações de parentesco entre eles, a ordem crescente e decrescente dos números das casas etc. Quando era indagado sobre algo que envolvesse dinheiro, rapidamente calculava o troco, o quanto podia comprar com determinada quantia, o quanto faltava inteirar para comprar o que fosse... Mas se colocássemos tudo isso de modo formal, escrito sob a forma de problema, ou usando algoritmos, ele demonstrava dúvida e insegurança para responder.

José foi observado em sala de aula e percebi que os assuntos, histórias e atividades propos-

tos eram muito infantis para um pré-adolescente. Quando a coordenadora pedagógica da escola propôs o jogo conhecido como Passa e Repassa, uma versão de um similar exibido pela TV, constatei que José não tinha dificuldades em se socializar, pois se relacionava bem com a comunidade onde vivia e parecia integrado ao seu espaço social e profissional, revelando segurança nas atividades das quais participava e domínio dos conhecimentos necessários para desempenhar a sua função. Verifiquei também que ele dominava as noções de espaço e tempo, tinha constituído o conceito de número (quantidade) e sabia operar mentalmente valores monetários. Seus problemas de relacionamento e de insegurança, bem como as deficiências em matemática, leitura e escrita restringiam-se ao ambiente escolar.

Os possíveis porquês

Para constituir conceitos e desenvolver-se, é fundamental que o aluno esteja integrado ao ambiente escolar, um lugar onde ele não se ►



sinta um “estranho no ninho”, mas um elemento importante e pertencente ao contexto escolar.

O primeiro passo a ser dado é reconhecer e valorizar os conhecimentos que o aluno traz para a escola. O professor tem um papel importante no desenvolvimento de projetos: facilitar a aprendizagem, administrar o conhecimento e as idéias dos diferentes membros do grupo e procurar incentivá-los a aprender uns com os outros, a pensar e a agir coletivamente, respeitando diferenças e singularidades. Esta abordagem parte do pressuposto de que cada pessoa possui algo único e valioso para compartilhar. Sem a contribuição e o conhecimento de cada um, a capacidade do grupo de

compreender ou reagir a uma situação pode ficar reduzida.

Levando-se em consideração que o processo de formação é dialógico, com troca de conhecimentos, experiências e vivências, a integração entre alunos e professores é fundamental.

As relações entre o jogo, a criança e a educação vêm despertando grande atenção entre estudiosos sobre aprendizagem. Particularmente, a utilização dos jogos e das brincadeiras no ensino da matemática tem sido muito referendada nos últimos anos.

A adoção de jogos e situações-problema na escola é uma forma de aprendizagem interessante. Os jogos possibilitam a produção de

Modos de ver e agir

1. Da professora do caso

A partir do desenvolvimento do jogo em sala de aula, o aluno considerado “complicado” já podia ser visto a conversar com outros colegas, conquanto continuasse alheio às atividades propostas em aula e suas respostas se mantivessem incompletas.

Na semana seguinte, depois de ter sido proposto um novo Passa ou Repassa, alguns alunos manifestaram a vontade de mudar os grupos, mas os componentes do grupo de José não quiseram que ele deixasse a equipe. Mantive os grupos, mas desta vez mescliei questões e situações que envolvessem dinheiro e coisas similares com valores comuns.

De início, José se sentiu perdido, mas seus companheiros o estimularam a resolver as questões, fazendo com que rapidamente começasse a associar as situações propostas às que dominava.

Era fácil observar não só progressos no interesse de José, como também no do restante da turma. Até a disciplina da turma melhorou. As regras do jogo ajudam, na medida em que incluem atitudes para a obtenção de pontos.

2. Diretora convidada: Maria da Glória Duarte da Cunha

José não é diferente dos outros alunos, apenas vive um cotidiano diferente do de seus pares. A coordenadora pedagógica soube aproveitar

de forma interdisciplinar os conhecimentos prévios do aluno. Nós, educadores, devemos interagir com esse cotidiano dos alunos, levando em consideração a diversidade, para poder realizar com sucesso uma avaliação continuada.

Sinalizo a importância de variar as formas de avaliar ao longo do ano a aprendizagem de cada aluno, pois cada um deles tem a sua maneira de construir conhecimentos

A escola deve abrir os horizontes do aluno para que ele exerça o seu papel de cidadão. Ela não deve representar um casulo, mas uma borboleta que possa interagir com o mundo, ao voar.

Ensinar é valorizar a auto-estima, oportunizar, respeitar, interagir e perceber as diversidades do aluno. Cada aluno deve ter o seu “saber fazer” avaliado individualmente.

3. Coordenadora pedagógica convidada: Maria Cristina Cerqueira Leite

O que percebo no relato da professora do José, aluno com 12 anos de idade e já com a obrigação de ajudar a família, é que as formas, as metodologias utilizadas não agregam valor, não têm significado para ele. Não lhe despertam interesse para trabalhar com algoritmos e geografia, por exemplo.

O duro para ele é estar numa classe cujos focos de interesses são diferentes dos seus. Já trabalhando, lidando com dinheiro, itinerários, com tempo e espaço

uma experiência significativa para as crianças em termos de conteúdos escolares.

Os recortes de certas posições ou movimentos em um jogo criam condições para a reflexão e o aperfeiçoamento de esquemas utilizados pelas crianças na medida em que possibilitam um aprofundamento do saber dizer, do saber fazer, de tomar decisões, correr riscos, antecipar, encontrar razões ou regularidades – enfim, aprender de uma forma talvez mais significativa e autônoma.

Jogos são parte essencial do ensino de matemática por muitas razões. São especialmente adequados para desenvolver o pensar independentemente, contribuindo para o processo de

constituição do conhecimento lógico-matemático. Por envolver regras, também contribuem para a constituição da autonomia.

Além disso, os jogos não são encarados como “deveres” pelas crianças, estabelecendo-se um clima de prazer muito mais estimulante para a turma e para a aprendizagem.

Para os jogos em sala de aula não perderem a sua importância e rapidamente se transformarem em “tapa-buracos” do planejamento, o professor deve levá-los a sério. Ele precisa jogar com as crianças, conversar com a turma após cada jogo, e principalmente pedir que cada participante do jogo mantenha seus registros cumulativos. ■

como elementos do dia-a-dia, ele não tem interesse na formalidade pura e simples de um aprendizado desarticulado das suas vivências. Pelo relato, não vejo necessidade de encaminhamento para a educação especial. Mas parece que está faltando, na realidade, adequação do currículo.

4. Professora convidada Marine de Figueredo Cunha

José é uma criança como outra qualquer, mas como a sua experiência de vida é diferente da de seus colegas, já que é responsável por algumas atribuições que a vida o leva a assumir, seus interesses estão além dos de sua turma, apesar das boas intenções da escola.

Ele é daqueles que “corre atrás”, devido às dificuldades com as quais convive. Seu amadurecimento está além do da sua faixa de idade. A escola deve procurar trabalhar com o “ser humano”, tentando investir no seu desenvolvimento, levando-o a ter acesso a aprendizagens que lhe sejam significativas, atendendo sempre às expectativas e interesses do aluno, para que ele elabore conceitos necessários ao seu caminhar, numa sociedade complexa e letrada.

É próprio do ser humano aprender. Cada um abre caminhos próprios que levam a



diversos pontos de chegada. Assim, a exclusão que visa o individual está fora do conceito de aprendizagem verdadeira.

Todos temos os mesmos direitos, com tempos diferentes. Todos somos capazes, com direito ao acesso, à permanência e ao sucesso escolar. Por isso, a escola deve respeitar os tempos de vida sociais e culturais dos alunos. Por isso, o professor deve elaborar atividades que foquem o aluno individualmente, respeitando a sua idade, a sua identidade e o seu meio cultural.

Benefício a qualquer tempo

Professores do município não precisam mais esperar para pedir enquadramento por formação

TEXTO
MARTHA NEIVA MOREIRA

Novas regras para quem quiser participar do enquadramento por formação. Agora o benefício pode ser requerido a qualquer momento pelos professores da rede e não mais até o dia 30 de março de cada ano, como definia a legislação anterior.

A medida é um ganho para os profissionais do magistério, já que nem sempre foi possível colar grau na universidade ou apresentar o comprovante de conclusão do curso superior, ou pós-graduação, até o mês de março. Os professores tinham, por conta disso, que aguardar quase um ano para pedir o benefício.

O decreto publicado no *Diário Oficial*, de 4 de janeiro deste ano, além de flexibilizar o prazo para o requerimento do benefício, também estabelece que os efeitos financeiros do enquadramento por formação ocorram a partir da data do pedido. "O percentual a ser recebido depende exclusivamente do nível e da formação do professor", informa Maria de Lourdes Albuquerque Tavares, do Departamento Geral

de Recursos Humanos da Secretaria Municipal de Educação (SME).

Poderão pedir o benefício todos os professores I, II e especialistas em educação que já tiverem concluído o seu estágio probatório e estiverem atuando nas unidades da SME. O benefício deverá ser requerido no Protocolo Central da secretaria ou nos protocolos das 10 coordenadorias regionais de educação (CREs).

O servidor que tiver duas matrículas poderá requerer o benefício, desde que preencha dois requerimentos e anexe a cada um deles a documentação pertinente ao enquadramento por formação. Quem já requereu o benefício só poderá requerer outro três anos após o primeiro.

O formulário de requerimento está disponível na intranet da SME, no endereço eletrônico: <http://sme/servicos/modelos/modelos.htm>. Também na intranet, no endereço <http://sme/departamentos/dgrh/dpe/enquadramentoPorFormacao.htm>, é possível ter acesso a outras leis relativas ao tema. ■

Documentação necessária

Ao requerimento deverão ser anexados cópia do último contracheque e os seguintes comprovantes de titulação:

- cópia autenticada do certificado de professor, expedido pelo Ministério das Educação (MEC);
- cópia autenticada do diploma ou certificado correspondente ao curso concluído, em que conste referência ao reconhecimento do curso por órgão federal;
- original da certidão expedida pela instituição de ensino, no qual conste a data de colação de grau, até 31/12/2005, em curso de licenciatura, bem como a referência de reconhecimento do curso por órgão federal;

- original da certidão expedida pela instituição de ensino, no qual conste a data da conclusão de estudos adicionais, até 31/12/2005; cópia reprográfica autenticada do título de mestre ou doutor, obtido em decorrência de curso de pós-graduação *stricto sensu*, com referência ao reconhecimento do curso por órgão federal.

Nos documentos em que for exigida a referência ao reconhecimento do curso por órgão federal, a falta desta referência implicará o indeferimento do pleito. Em hipótese alguma atestado, declaração e histórico escolar serão aceitos como comprovantes de titulação.

A importância dos primeiros dias

O início de mais um ano letivo sempre traz expectativas para professores e alunos. Na educação infantil é um momento marcante, principalmente para crianças que nunca antes estiveram na escola. O acolhimento deve ser bem planejado para que ocorra uma boa integração entre todos os envolvidos.

O período exige muita habilidade. Segundo o *Referencial curricular nacional para a educação infantil* (v.1, p. 82), “o professor pode planejar a melhor forma de organizar o ambiente nestes primeiros dias, levando em consideração os gostos e preferências das crianças, repensando a rotina em função de sua chegada e oferecendo-lhes atividades atrativas. Ambientes organizados com material de pintura, desenho e modelagem, brinquedos de casinha, baldes, pás, areia e água etc. são boas estratégias.”

Um primeiro contato com a família, através de conversa informal, entrevista ou reunião coletiva, é uma boa oportunidade de conhecer um pouco mais sobre as crianças e esclarecer dúvidas e preocupações dos pais.

“Assumir um trabalho de acolhimento às diferentes expressões e manifestações das crianças e suas famílias significa valorizar e respeitar a diversidade, não implicando a adesão incondicional aos valores do outro. Cada família e suas crianças são portadoras de um vasto repertório que se constitui em material rico e farto para o exercício do diálogo, aprendizagem com a diferença, a não-discriminação e as atitudes não-preconceituosas.” (op. cit., v. 1, p. 77)

O vínculo entre família e escola deve ser criado nos primeiros dias e mantido durante todo o ano letivo. A participação dos pais não se deve limitar às datas comemorativas. No período de acolhimento pode ser necessária a presença deles na escola, por algumas horas e até alguns dias. O horário também deve ser inicialmente reduzido. Nos casos de pais que não podem estar presentes, devido ao trabalho, sugere-se a substituição deles por alguém de confiança da criança. Muitas vezes o choro é inevitável. Nesses momentos deve ser dada

atenção especial à criança, incentivando-a a participar de atividades atrativas como modelagem ou brincar com algum brinquedo especial, guardado para essas ocasiões.

A escola toda deve estar envolvida nesse processo e o apoio da direção, coordenação, corpo docente e funcionários em geral é fundamental para que esse período transcorra na maior tranquilidade possível. O projeto político-pedagógico também deve prever ações compatíveis com essa época do ano.

Ao professor cabe cativar as crianças, tornando a escola um ambiente agradável e seguro. Marieta Nicolau (2002, p. 213) sugere objetivos bem específicos para os primeiros dias, como brincar e trabalhar com as crianças em grupo; ajudá-las a localizar a própria sala, banheiro e dependências na escola; promover o contato delas com materiais e objetos que farão parte do dia-a-dia escolar e fazê-las adquirir e/ou conservar hábitos higiênicos.

A criança deve explorar os espaços disponíveis tanto na sala como na escola, através de atividades lúdicas planejadas e também através do contato livre com brinquedos e materiais diversos. A divisão da sala em cantinhos também deve ser explorada aos poucos para as crianças irem se familiarizando com eles. Entoar cantigas conhecidas ou canções fáceis de aprender, brincadeiras de roda e jogos com bolas costumam ser atrativos para as crianças de uma forma geral.

Confeccionar com as crianças algo que elas possam levar para casa é uma boa estratégia para favorecer a integração. Pedir que elas tragam algo nos dias subsequentes também ajuda o processo de acolhimento. Neste caso, é importante comunicar aos pais e só pedir algo que todos possam ter em casa.

A qualidade do relacionamento que se estabelece nesse período é primordial na interação entre professor, aluno e família. “Relacionar-se positivamente com as crianças e com o grupo significa simpatizar com suas necessidades e interesses: olhá-las nos olhos, ‘senti-las’ e tocá-las, chegar-se a elas. Desse modo, o educador estará dando condições para ▶

ALBERTO JACOB FILHO



Roberta Vitagliano
Jornalista, pedagoga e professora da E. M. Clarice Lispector (7ª CRE).



Ilustração: David Macedo

que cada criança conquiste gradativamente a liberdade e desenvolva a sua independência” (Nicolau, p. 215).

O acolhimento bem planejado favorecerá a criação de um clima de reciprocidade e segurança, possibilitando oportunidades de aprendizagem e de troca entre as crianças e o professor durante todo o ano letivo. O educador deve se lembrar de que este período de enfrentar mudanças é sempre um momento de ansiedade e preocupações, inclusive para ele próprio. O momento de acolhimento requer muita paciência e disposição do professor, que deverá dar o máximo de atenção que possa a cada criança. Na educação infantil o processo de acolhimento é fundamental para o processo de aprendizagem da criança, principalmente porque em muitos casos é o primeiro contato delas com a prática educativa.

Crianças pequenas, na sua maioria, têm uma capacidade surpreendente de imaginar, criar e sonhar. Cabe ao professor estimulá-las, favorecendo-lhes o desenvolvimento desde os primeiros dias na escola.

Segundo Paulo Freire, não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou a educadora. O nosso é um trabalho realizado com

gente – miúda, jovem ou adulta –, mas gente em permanente processo de busca... Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. (Freire, p. 144)

O acolhimento inicial é uma das principais etapas para favorecer a realização das atividades que ocorrerão durante o ano. Desde este momento o professor deve estimular a capacidade das crianças de sonhar, de buscar e de “ser”. Lembrando sempre que se está lidando com crianças que serão adultos no futuro. Adultos com boas lembranças da infância, que não tenham passado por traumas ou maus momentos na escola, têm grandes possibilidades de ser pessoas que sonham, buscam e realizam, sendo mais felizes. ■

Referências bibliográficas

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação*. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. *A educação pré-escolar*. São Paulo, Ática, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

As relações de ensino na escola

Aprender e aprendizagem são termos tão cotidianamente usados como referência a atividades ou processos comumente experienciados por todos nós que não chegamos a refletir sistematicamente sobre eles. Enfrentamos no dia-a-dia inúmeras situações que nos podem levar a sentir e a pensar: “Puxa, podemos aprender de tudo na vida”; “Não consigo, ou não quero aprender tal coisa”; “Alguém me ensinou, mas eu não aprendi!”; “A gente ensina, ensina, e ele não aprende!”; “Não sei como ele aprendeu!”, ou ainda: “Nossa! Apreendi sem me dar conta!”... Aprender pode acontecer (ou não) das mais variadas formas e pelos mais diversos motivos. De fato, os mecanismos ou processos de aprendizagem têm preocupado e instigado estudiosos, filósofos, psicólogos e educadores, por longas décadas. O conceito de aprendizagem, muito marcado na área da psicologia e da educação, está geralmente relacionado à interação do organismo com o meio ambiente e se refere comumente a uma mudança que se produz no organismo, tanto no nível do comportamento animal quanto no do ser humano. Uma circunstância ou novidade no ambiente e a necessidade de adaptação do organismo para a sobrevivência levam freqüentemente a uma nova aprendizagem. Várias teorias foram e têm sido elaboradas para explicar esses processos (Pavlov, Watson, Skinner, Piaget...).

A aprendizagem pode, portanto, ser interpretada de muitas formas, envolvendo desde os automatismos adquiridos até o domínio de conhecimentos complexos. Dizemos que os animais aprendem, que os homens aprendem. Mas o quê, e de que forma aprendem, e em que diferem os modos de aprender? Estudos e tentativas de compreensão das relações entre os mecanismos inatos, característicos da espécie, e a experiência adquirida pelos indivíduos têm apontado para distinções e especificidades na aprendizagem humana.

Nos animais, a partir das condições da espécie e da experiência de cada indivíduo, a aprendizagem se mostra como uma função essencialmente adaptativa. No nível humano, no entanto, para além da função adaptativa, o caráter transformador da atividade da aprendizagem se torna bastante evidente. Ou seja, no homem, as condições para a aprendizagem não se restringem à adaptação orgânica. As ações aprendidas ou a apropriação de ações especificamente humanas começam a fazer parte de um sistema funcional e vão gerando e integrando novos sistemas, criando novas condições e possibilidades de ação.

Algumas teorias vão explicar essa complexificação com um argumento de natureza puramente biológica: o próprio processo de evolução produziu o organismo da espécie humana. Outras teorias vão se basear no criacionismo de natureza religiosa, propondo a intervenção divina no aparecimento do homem. Outras tentativas de teorização vão assumir o fundamento biológico, mas não vão reduzi-lo à simples complexificação orgânica. Isto significa que as condições orgânicas são sem dúvida imprescindíveis, mas não suficientes para explicar a emergência daquilo que caracteriza a dimensão humana. A explicação estaria não só em algumas condições específicas que se foram criando num longo processo evolutivo, demandando novas formas de vida, mas na (trans)formação dos próprios indivíduos na vida de relação social. A complexidade do organismo e a formação do psiquismo humano seriam, portanto, resultantes das necessidades e das condições concretas de vida, que foram provocando novas formas de atividade necessariamente partilhadas.

Aprender a andar e a falar, a beber água no copo, a comer com colher, a sentar-se à ▶

TEXTO

ANA LUIZA BUSTAMANTE
SMOLKA, ADRIANA LIA FRISZMAN
DE LAPLANE, ANA LUCIA HORTA
NOGUEIRA, ELIZABETH DOS
SANTOS BRAGA, DA FACULDADE
DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSI-
DADE ESTADUAL DE CAMPINAS
(UNICAMP)
ARTE
DAVID MACEDO

mesa; aprender a brincar, a andar de bicicleta; a ler e a escrever; a escutar os sons, a tocar um instrumento musical; assistir a televisão, digitar no computador... são práticas que se tornaram possíveis no desenvolvimento histórico das formas de atividade humana e no processo de produção dos mais diversos instrumentos e artefatos relacionados às necessidades e condições de existência dos grupos humanos.

É certo que podemos ver essas práticas como ocorrências “naturais” no processo de desenvolvimento, admitindo que há algo predefinido ou inato na espécie humana, que espontaneamente se desenvolve nas crianças, independentemente das condições de vida (p.e. Gesell). Ou podemos considerar essas práticas como ações impostas pelo ambiente, as quais impactam e provocam nos organismos individuais formas específicas de comportamento (p.e. Skinner). Podemos ainda perceber e ressaltar as formas de interação do organismo com o meio, assumindo que existe um modo humano de conhecer, que foi sendo transformado no processo de evolução e que hoje caracteriza os indivíduos da espécie (p.e. Piaget). Mas podemos assumir de outro ponto de vista que as formas de relação social, os meios/modos de produção e os produtos resultantes das (inter)ações afetam organicamente – corporalmente, cerebralmente – os homens em sua atividade prática e constituem o funcionamento mental – os modos de sentir, pensar, agir, conhecer – sempre em (trans)formação (Vigotski, Wallon, Leontiev, Luria). Nas relações de interdependência dos homens entre si e deles com a natureza, a produção de instrumentos técnicos e semióticos foi se tornando possível e necessária, viabilizando ao homem transformar o mundo e criar as suas próprias condições de existência, enquanto dialeticamente ele também se transformava nesse processo. O homem (ser genérico) não só desenvolve, mas se constrói a si próprio (Vigotski, 2000). Esse “construir-se a si próprio” significa que, em sua atividade

prática e produtiva, o homem cria *instrumentos psicológicos*, não-orgânicos, como os signos e a linguagem, que são formações históricas e funcionam ao mesmo tempo como meio de comunicação e modo de operação mental, possibilitando que a experiência humana seja significada, partilhada, refletida e conservada nos níveis social e individual. Nesse processo o homem produz saberes, conhecimento, cultura; produção essa que o afeta, o transforma. Podemos dizer, então, que o que distingue a aprendizagem humana é a criação de instrumentos e signos, que caracteriza a atividade mental e a possibilidade de produção e a incorporação da cultura. E aqui podemos perguntar:

Como se dá essa incorporação?

Como a cultura marca o corpo?

E como concebemos as relações de ensino nesse processo?

No homem, a maior imperícia ao nascer significa não só uma vinculação inescapável e uma maior dependência em relação ao outro, mas maior abertura para o possível, maior plasticidade cerebral, maior tempo para *aprender* a experiência cultural e histórica. *Aprendizagem*, nesse sentido, está relacionado às formas de participação e apropriação das práticas sociais. Essas práticas condensam a experiência social, historicamente construída e partilhada, de maneira que os bebês que nascem vão se apropriando do que se apresenta disponível na cultura (Leontiev, Valsiner, Elias, Geertz). Um bebê *aprende* a ser homem na relação com os outros homens. Ele vai se *apropriando*, tornando próprios, de si mesmo, os modos culturais de ação, a partir das condições concretas de vida e das relações que se estabelecem. Desse modo, o desenvolvimento humano, engendrado na/pela prática social, implica inescapavelmente a vida de relação. Wallon dizia que o homem é “geneticamente social”. Isto quer dizer que no homem a atividade mental é função da relação com o outro (Pino). É nesse sentido que pode-

mos dizer que o conhecimento do mundo e de si mesmo passa necessariamente pelo outro (Wallon, Vigotski, Leontiev). Mostra, assim, um modo de conceber o desenvolvimento humano e os processos de ensino/aprendizagem como modos de apropriação da cultura e participação nas práticas sociais. Ressalta, ainda, uma forma de compreender o conhecimento e os próprios modos de conhecer, como produção humana. Isso nos leva a conceber *desenvolvimento e educação* como intrinsecamente entretecidos, já que na condição humana apresenta-se não só a possibilidade de educar mas a intenção de ensinar. Desse modo, preferimos falar também em “desenvolvimento cultural” (Vigotski) da criança, assumindo que as condições e as relações de ensino provocam, marcam e orientam – mas não determinam completamente – o desenvolvimento. *Quais são as implicações dessa concepção?* Podemos apontar algumas delas. Conceber o desenvolvimento humano e o conhecimento como formações sociais e históricas implica, do ponto de vista aqui assumido, relevar as *formas de mediação* nas quais eles (desenvolvimento e conhecimento) se produzem, e prestar especial atenção às *relações interpessoais* em que os seres humanos se constituem. Na trama dessas relações interpessoais, vão emergindo e se estabelecendo formas de organização e (inter)regulação, de maneira que podemos dizer que existe uma relação dialética entre as práticas que vão se instituindo e os sujeitos que nelas vão se constituindo. Ou seja, a instituição das práticas sociais e a constituição do funcionamento mental dos sujeitos estão complexa e dinamicamente articuladas. Mas isso nos leva a pensar em *como* se articulam as estruturas sociais e as estruturas mentais, segundo a formulação de alguns autores, ou em como se constrói ou se constitui o funcionamento mental no interior das práticas sociais, segundo outros autores; e a indagar mais especificamente sobre o estatuto da educação formal e da escola enquanto instituição de ensino.

Com relação a essa questão, a contribuição de Vigotski (1981, p. 160) torna-se aqui particularmente inspiradora. Assumindo que o “homem é um agregado de relações sociais” e enfatizando que as “funções mentais são relações sociais internalizadas”, Vigotski argumenta que o que foi inicialmente uma relação entre pessoas passa a funcionar como modo de relação do sujeito consigo mesmo. *Na sua esfera privada, os seres humanos retêm as funções da interação social.* Ou seja, opera-se uma *conversão* das relações sociais em funções mentais.

No entanto, esse modo de pensar põe em xeque a função e os modos de funcionamento da escola, ressaltando um problema que muito comumente enfrentamos na instituição escolar e que poderíamos formular da seguinte maneira: se a escola é uma instituição social historicamente construída, com o objetivo de sistematização, transmissão e produção do conhecimento; se o desenvolvimento humano e o conhecimento são formações sociais e históricas; se o conhecimento e os modos de conhecer, enquanto produções humanas, afetam, constituem e transformam o funcionamento mental; se a escola, enquanto instituição, é um lugar de desenvolvimento e educação, um lugar específico de elaboração das funções psicológicas,

Por que muitas crianças não aprendem na escola?

Por que dizemos que elas não aprendem?

O que elas deveriam aprender e não aprendem nessa instituição?

Essas perguntas que geralmente todos fazemos adquirem um novo sentido quando inseridas no referencial teórico aqui apresentado, uma vez que os modos de aprender não se reduzem às características individuais, mas são considerados como produção histórica e cultural, profundamente vinculados a um *compromisso social*. Ou seja, os modos de aprender são criados nas relações de ensino. ■

O homem e o sentido do trabalho

Astronauta, bombeiro, jogador de futebol, médico, professor... Pergunte a uma criança o que ela quer ser quando crescer e as respostas serão tão diversas quanto a vasta imaginação infantil. E certamente dirão dela muito sobre o que sonha, mas não sobre o que imagina fazer em pelo menos oito horas por dia, cinco vezes por semana, para assegurar a subsistência. No terreno das aspirações, o que alguém “vai ser quando crescer” é a materialização de um ideal, de uma vontade de transformar o mundo ou vivenciá-lo numa cadência própria. Com o passar dos anos, questionamentos mais concretos ganham espaço e muitas vezes fica difícil encontrar o equilíbrio entre o desejo e a necessidade. Este é apenas um dos aspectos que caracterizam o complexo universo do trabalho. Campo essencial do desenvolvimento humano, o trabalho influencia e é influenciado por todas as outras esferas da existência nas dimensões pessoal, cultural e social. Pelo que representa e pelo que pode compreender em possibilidade de crescimento, aprendizagem ou simples formas de “estar no mundo”, é objeto de estudo em inúmeros campos do conhecimento e merece reflexão cuidadosa de todos, sobretudo de pais e professores, comprometidos com a formação de novos cidadãos.



O trabalho faz parte da natureza humana desde os seus primórdios. Ao contrário dos demais animais, que se adaptam ao ambiente e dele extraem seus alimentos, sem nele interferir, o homem constrói instrumentos com os quais atua sobre a natureza e o espaço que o cercam. Com eles extrai, cria e produz os bens necessários à sua sobrevivência, além de alimentar também a alma com a arte, outra invenção essencialmente humana. Ninguém tem dúvida de que, com o trabalho, produzimos. Mas nem sempre se pensa no quanto ele nos “produz” também. Atualmente, inúmeros estudiosos se dedicam a questões relativas ao trabalho a partir de seus aspectos psicológicos, e não apenas econômicos ou tecnicistas. É o caso do psicólogo francês Yves Clot, para quem o trabalho é não apenas um gênero profissional, mas sobretudo uma atividade humana, que como tal não pode prescindir de aspectos relacionados ao sujeito, como sua subjetividade, sua história e seu tempo próprios.

Trabalhando, pois, nos definimos, interagimos com nossos pares, ocupamos um lugar na sociedade e escrevemos a nossa história, particular e coletiva. E isso não só porque dedicamos tantas horas de nossos dias àquilo com que trabalhamos, mas sobretudo porque é através da prática que atuamos sobre a realidade. Por isso o trabalho é uma dimensão tão importante da vida do homem e base do exercício pleno da cidadania. Negar a ele o direito ao trabalho é negar-lhe não só o acesso a recursos de subsistência, mas também a possibilidade de existir em sua plenitude. Professor de história da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Henrique Espada Lima lembra que é muito comum pensar-se o trabalho desconectado de outras dimensões da vida, apenas como “emprego”, algo obrigatório e muitas vezes distante dos desejos e aspirações pessoais. “Mas o fato é que o trabalho nos integra à sociedade de um modo que outras atividades não fazem: ele confere dignidade social, pertencimento, reconhecimento e muitas vezes acesso a recursos fundamentais, que nos ajudam a tornar a vida mais controlável – segurança social, por exemplo”, lembra o professor.

A reflexão explica em parte os recorrentes relatos de pessoas que após a aposentadoria caem na mais completa depressão, diante da

dificuldade de ressignificar a sua existência longe da rotina do trabalho. E isso inclui aquelas que desde sempre se acostumaram a preencher o seu dia-a-dia com lazer e arte, por exemplo. É certo que para muitos a importância exacerbada do trabalho reflete uma dificuldade em lidar com outros aspectos da vida, uma renúncia aos projetos pessoais ou à busca de sentido na convivência com a família ou os amigos. Mas há também os casos em que tudo isso está presente e, ainda assim, a supressão do mundo do trabalho é um revés difícil de ser superado.

“Acabou a hora do trabalho...” – Cabe aqui um parêntese relevante sobre o sentido do trabalho para cada um. Quantos não passam boa parte da vida sonhando justamente com o dia da aposentadoria? Quantos realmente imaginam trabalhar até quando a saúde permitir? No campo das artes, é comum vermos atores em cena até a velhice, cantores que permanecem nos palcos e escritores que têm cada vez mais o que contar com o passar dos anos. Mas quantos de nós também não pensariam: “Ah, mas cantar o dia inteiro não é trabalho!”? Não há dúvida sobre o quanto de disciplina, suor e dedicação exige o domínio de um instrumento, seja ele um piano, a própria voz ou a arte da escrita. Então, por que o espanto?

Na canção *Se assim quiser*, Arnaldo Antunes e Dadi dizem: “Acabou a hora do trabalho / Começou o tempo do lazer / Você vai ganhar o seu salário / Pra fazer o que quiser fazer”. Não estaríamos dissociando demais desejo e obrigação? Sobrevivência e realização? Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), Olgamir Francisco fala da distinção entre emprego e trabalho. Para ela, podemos definir trabalho como um “esforço consciente, distinto do implicado em outras atividades não-produtivas e no descanso, destinado a produzir benefícios socialmente aceitáveis para si mesmo e para os outros”. A esta definição estaria atrelada a pergunta: “O que necessito fazer para superar-me em meu trabalho?”. Já o emprego seria um “esforço involuntário para produzir benefícios para os outros”, suscitando outra pergunta: “O que necessito saber e fazer para manter este emprego?”.

Quem persegue aqueles velhos sonhos de infância e consegue concretizá-los, na certa, ►

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

tem muito mais chance de passar a vida inteira trabalhando, e não sonhando com a aposentadoria no emprego. Um dos grandes desafios dos educadores é justamente orientar crianças e adolescentes numa visão menos utilitária do trabalho. “A mensagem fundamental que se pode transmitir aos educadores é que a vocação não se resolve em uma escolha. Ao contrário, se descobre e se constrói ao longo da vida. Esta ação vocacional não deve estar dirigida apenas para produzir resultados eficientes de imediato, mas sim para contribuir no processo de produção de sentido, o que requer um sujeito disposto a intervir no destino da humanidade”, destaca Olgamir.

Numa sociedade marcada por profundas desigualdades, no entanto, esta tarefa se torna ainda mais desafiadora. Diante da premência de obter os recursos necessários para manter a vida, os anseios de realização acabam em segundo plano. Antes deles vêm a busca pelo emprego num mercado cada vez mais competitivo e a tentativa de superar as dificuldades de qualificação num cenário em que o acesso à educação ainda não é assegurado a todos.

O exercício pleno da cidadania pressupõe a garantia à educação e ao direito ao trabalho. Por princípio, todos deveriam ter igualdade de oportunidades de formação, qualificação e labor. Num mundo ideal, teríamos um ponto de partida equivalente e, então, cada ser humano definiria a profissão à qual dedicar sua vida, tendo como únicos princípios o seu desejo, a sua vocação e suas aptidões mais íntimas. Independentemente da conjuntura que ainda torna este ideal impossível, entretanto, vivemos uma realidade em que os aspectos materiais do trabalho superam em muito a sua dimensão subjetiva. “O trabalho tem sido visto como mera extração da energia humana, muito mais voltada para a acumulação de riqueza do que para a realização da vida; tem sido posto muito mais a serviço do ter que do ser”, argumenta Antônio Joaquim Severino, professor de filosofia da educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

Trabalho e educação – Superar esta dualidade entre sobrevivência e realização, o próprio Antônio lembra, não é tarefa fácil, sobretudo em função da realidade social desfavorável. Mitigar

boa parte dos problemas relacionados ao mundo do trabalho exigiria amplas políticas de reforma social. Mas há o que possa ser feito além disso. “É preciso ressignificar o trabalho no âmbito de nossas práticas existenciais históricas, sonhar com novos modelos de vida social e investir na sua busca, de modo que, um dia, o trabalho possa ser também uma experiência de prazer”, conclui o professor.

Investir nesta idéia é apenas uma das tarefas que cabem a pais e educadores na busca de uma relação mais integral e saudável do homem com o trabalho. É papel da escola formar para a vida, da qual o trabalho é uma das dimensões mais representativas. E é justamente assim, integrado à vida, que o trabalho deve ter o seu lugar na escola. “A escola precisa encontrar formas alternativas para acompanhar a crescente complexidade das relações profissionais e sociais, dentre elas o reforço à auto-aprendizagem, o desenvolvimento de uma cultura geral do trabalho, o que pressupõe a compreensão da produção em seu conjunto, o conhecimento da técnica e a aquisição de informações necessárias à inserção crítica e criativa do indivíduo diante das mudanças”, argumenta Olgamir.

Não se trata de educar para o trabalho, valorizando a concepção tecnicista e o acúmulo de conceitos prontos, mas sim de educar pelo trabalho, concebendo a própria atividade escolar como um processo de labor diário, em suas dimensões individual e coletiva. Ou, como defende o coordenador do Grupo de Educação Multimídia UFRJ Mar, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), José Cubero: “Cabe à escola a formação com a consciência de que o trabalho é um processo coletivo, que transforma e desenvolve o social, e que somente uma sociedade mais justa poderá diminuir a distância entre a miséria e a acumulação de capital, num contexto em que muitos trabalham para poucos enriquecerem”.

A importância, o sentido e os princípios da organização coletiva do trabalho são conceitos que podem, e devem, fazer parte do cotidiano escolar, não apenas no sentido de preparar os cidadãos para a sua inserção futura na vida profissional, mas também para conscientizá-los, desde cedo, de que o trabalho é parte de todas as suas formas de existência e de atuação no mundo. Nas palavras do professor Antônio Se-



verino, “a escola deve se realizar como trabalho e tomá-lo como princípio pedagógico”.

E o que significa isso, na prática? O Núcleo Curricular Básico Multieducação dá as dicas ao destacar, entre outros aspectos: a importância de se considerar a realidade dos alunos, muitos inseridos precocemente no mundo do trabalho; a criação do vínculo escola/vida cidadã, tanto na inter-relação dos campos do saber com os aspectos da vida cotidiana como na valorização da experiência pessoal de cada aluno, que deve se sentir reconhecido na prática escolar; o incentivo ao pensamento crítico sobre a relação dos alunos com o meio ambiente físico, cultural, social e político. Hildete Pereira, professora da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense (UFF), conclui: “A escola deve ter um sentido mais amplo do desenvolvimento pleno dos seres humanos, deve preparar as pessoas para pensar. O processo educativo compreende o ensino de disciplinas teóricas e técnicas, mas isso não significa preparar para o mercado de trabalho, mas pensar e fazer escolhas”. Porque as técnicas evoluem dia a dia, as tecnologias são substituídas com velocidade cada vez mais impactante e as máquinas estão sempre prontas para assumir tarefas anteriormente realizadas pelo homem. Mas o cidadão

pensante, conhecedor da natureza orgânica do trabalho e capaz de atuar criticamente sobre a sua realidade jamais será substituído.

Novos desafios – As constantes transformações do mundo do trabalho, característica marcante da contemporaneidade, são responsáveis por alguns dos maiores desafios que a escola tem de enfrentar. A evolução das tecnologias, por um lado, exige dos indivíduos a capacidade de se adaptar rápida e constantemente, representando ainda a eliminação de uma série de postos de trabalho; por outro, significa uma enorme ampliação das possibilidades de atuação do homem sobre a sua realidade. A escola não pode ignorá-la, mas não deve perder de vista que mais importantes que o domínio da técnica são o desenvolvimento da capacidade de auto-aprendizagem e a busca de aprimoramento constante.

Depende dessa concepção a superação da distância que separa os dois eixos postos pela evolução tecnológica, conforme lembra Henrique Espada: “Há a promessa emancipatória de permitir um aproveitamento mais eficaz dos recursos naturais e da energia, que pode dar ocasião a uma distribuição menos desigual dos recursos materiais da sociedade; mas ►

essas mesmas transformações tiveram como conseqüência, muito mais freqüentemente, um impacto negativo sobre o trabalho e sobre a vida dos trabalhadores”. O próprio Henrique destaca os reflexos desta ambigüidade sobre o processo educativo, já que é inevitável que as transformações da sociedade tenham seu impacto sobre o que se passa na escola. Para ele, a grande questão é o enfrentamento da eventualidade de que aquilo que se ensina possa vir a tornar-se de fato obsoleto também. “Daí, talvez, o desafio de pensar não nos termos de uma educação especializada, mas em uma educação formadora que habilite os indivíduos a responderem às transformações do mundo do trabalho”, sugere.

De um lado, mudanças cada vez mais velozes. De outro, concepções arraigadas em anos de vivência cultural, que aprisionam os indivíduos, afastando-os de seus anseios e de sua verdadeira realização. Quando se relacionam educação e trabalho, os inúmeros estereótipos que cercam os diferentes perfis profissionais constituem outro empecilho a ser superado. São eles os responsáveis por muitas das distorções ligadas ao mundo do trabalho, bem como pela excessiva valorização ou, por outro lado, desqualificação de determinadas profissões. Guiados por eles, não poucos deixam de lado

a sua verdadeira vocação, cedendo a pressões dos familiares e a preconceitos. Aspectos relacionados a *status*, compensação financeira, prestígio social e, mais recentemente, em função do papel da mídia, visibilidade, acabam tendo importância preponderante na definição da escolha profissional.

Há que considerar ainda, neste cenário, o determinante papel desempenhado pela mídia. Sua conseqüência mais evidente talvez seja a valorização exacerbada da celebração. Não é à toa que tantas crianças e adolescentes atualmente sonhem com carreiras como as de modelo, jogador de futebol ou astro da TV. Ainda pior que isso, lembra José Cubero, é a distorção dos valores relacionados ao trabalho. “Os valores que norteiam o consumo permeiam o universo da mídia, onde o trabalho é encarado como ascensão social e acesso aos bens de consumo, e a meta é o sucesso. O importante é competir, a visão do social perde o sentido. A atividade laboral passa a ser um meio para conquistar um *status*. O que importa é produzir para consumir”, analisa o professor.

Novas configurações – Entre as mudanças trazidas pela contemporaneidade, a nova organização do mundo do trabalho está entre as mais marcantes. Vivemos uma era de incertezas, na

Transformações ao longo do tempo

A relação do homem com o trabalho é tão antiga quanto a sua própria existência. O traço distintivo da humanidade é justamente a capacidade de agir sobre o seu entorno, transformando o ambiente e, com isso, criando as condições necessárias à sua sobrevivência. Ao longo de sua história, o homem viu modificada a sua vivência em relação ao trabalho por vários fatores, fossem históricos, sociais ou culturais. Um dos traços mais marcantes, que até hoje faz sentir seus efeitos, é a escravidão, conforme destaca Paulo Pinheiro Machado, professor de história da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). “Durante muito tempo, o trabalho esteve ligado ao cativo, à escravidão. No Antigo Testamento, quando Adão e Eva são expulsos do paraíso, ela é condenada a ter partos dolorosos e ele, a trabalhar para sobreviver. Na Roma antiga, o ócio era um valor socialmente ambicionado por todos”, exemplifica.

Para Paulo, a herança da escravidão é ainda mais forte no Brasil, onde o moderno conceito de trabalho só foi introduzido com a colonização portuguesa e a escravização

de africanos, já que os povos indígenas trabalhavam apenas para a subsistência e não faziam distinção entre os tempos de trabalho e de ócio. “A escravidão atingiu também os indígenas e esta experiência de violência ligada ao trabalho marcou profundamente a história e a cultura de nosso povo. Por muito tempo – e ainda hoje – a expressão ‘trabalho braçal’ foi desqualificada como algo degradante, indigno. Outras nações, que não passaram por experiências recentes de cativo, não têm este preconceito contra o trabalho manual”, argumenta.

Antes da formação do sistema capitalista, a humanidade ainda viu florescer o regime feudal, no qual grandes senhores de terra detinham o poder sobre os meios de produção e sobre os servos, que eram ditos livres, mas, na prática, não conseguiam sobreviver longe dos instrumentos e das terras necessários ao labor. No final da Idade Média, o comércio e o crescimento urbano mudam o cenário das cidades, abrindo espaço para as trocas e o surgimento do sistema capitalista.

qual a qualificação não garante segurança, a competição é generalizada e os caminhos, boa parte das vezes, devem ser construídos diária e continuamente, longe da linearidade do emprego de carteira assinada, direitos assegurados e aposentadoria ao final da trilha.

Este cenário reforça a necessidade de se sobrepor a uma tendência tecnicista o ensino integral e pleno. A escola não deve formar trabalhadores, mas sim cidadãos capazes de transitar pelo mundo do trabalho com a mesma desenvoltura e inteireza dispensadas às outras esferas da vida pessoal, social ou cultural. Cidadãos capazes de entender que o conhecimento é, no mundo atual, a mais importante moeda, e que, portanto, buscá-lo sempre é a única forma de manter-se vivo, em todos os sentidos. Cidadãos conscientes, por fim, de que o aprendizado começa na escola, mas não termina nunca. Íris Goulart, mestre em educação e doutora em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), sintetiza: “No passado, a relação do homem com o trabalho era direta: ele aprendia trabalhando para sobreviver. À medida que a sociedade ficou mais complexa, tornou-se necessária a mediação da escola para preparar o homem para o trabalho. Hoje, todas as instituições têm a missão de relacionar o homem com o trabalho: a escola



tem o seu lugar, mas a família tem importância, as empresas são insubstituíveis e o homem, em lugar de uma atitude passiva, de receber o preparo, tem de buscá-lo constantemente, ao longo de toda a sua vida”.

Um mundo habitado por esses cidadãos certamente será também um mundo de realização mais plena, onde as fronteiras entre o emprego e o trabalho prazeroso e compensador estarão diluídas, e onde será mais fácil entoar um outro trequinho da música de Arnaldo Antunes e Dadi, que diz assim do momento em que “acaba a hora do trabalho” e “começa o tempo do lazer”: “O que você gosta e gostaria / De estar fazendo noite e dia / Ler, andar, ir ao cinema, brincar com seu neném / E até mesmo trabalhar também”. ■

O conceito do trabalho, ressalta Paulo, começa a mudar mais radicalmente com a Reforma, a partir do século XVI. “Durante a Revolução Industrial, o domínio desta nova mentalidade foi importante para mobilizar massas de homens, mulheres e crianças em longas jornadas de mais de 10 horas diárias”, explica. Desenvolve-se então a prática da venda da força e do tempo de trabalho e a antiga oposição senhores x servos ganha novos contornos na oposição entre burgueses e operários.

O começo do século XX é marcado pelas concepções fordistas e tayloristas¹, caracterizadas pela fragmentação das atividades operárias, reduzindo o trabalho a atividades

mecânicas e repetitivas. Um novo paradigma começa a se estruturar no final do século XX, quando o conhecimento desponta como a mais valiosa moeda do mercado de trabalho. “Isso possibilita integrar a educação como processo de desenvolvimento pessoal com as capacidades para a atividade produtiva. Criam-se as condições para a superação da fragmentação imposta pela divisão taylorista do trabalho, que separa as atividades de concepção e execução e, portanto, não requer nenhum tipo de qualificação para a maioria dos trabalhadores”, analisa Olgamir Francisco.

Outros desafios, no entanto, estão postos. É o que lembra Paulo Pinheiro Machado. “As concepções fordistas estão sendo substituídas por outras tão ou mais escravizadoras que o antigo trabalho industrial. A produtividade a qualquer custo e a introdução de novas formas de gestão do trabalho (como a produção por peças e terceirizada) têm levado à falência do sindicalismo, à diminuição da solidariedade entre trabalhadores e à retomada da informalidade e das grandes jornadas de trabalho”.

¹Termos derivados de Henry Ford, empresário que pôs em prática em sua fábrica de automóveis em Detroit, EUA, no começo do século XX, a produção em série, através das linhas de montagem; e Frederick Taylor, engenheiro norte-americano que desenvolveu e implantou técnicas de racionalização do trabalho operário, limitando cada trabalhador à realização de uma única tarefa, de modo contínuo e repetitivo.

Conhecer para desmistificar

Dia Internacional festeja progressos na inclusão de pessoas com síndrome de Down na sociedade

TEXTO No dia 21 de março comemora-se o III Dia Internacional da Síndrome de Down. A data foi escolhida como referência à trissomia do cromossomo 21, consequência de uma alteração genética que afeta aproximadamente um em cada 700 nascimentos. Essa circunstância faz com que as células do bebê tenham em seu núcleo um cromossomo a mais, ou seja, três cromossomos 21 – daí a referência. Para a jornalista e coordenadora da versão brasileira do Canal Down21, Patrícia Almeida, o dia serve para dar visibilidade e disseminar informações sobre a síndrome, além de desmistificar noções ainda remanescentes no imaginário coletivo, como a de que os lugares apropriados para quem tem a síndrome são as escolas especiais.

FÁBIO ARANHA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

O Canal Down21 é um portal na internet, com base na Espanha, e uma das fontes de informação mais completas sobre o tema. A entrada no Brasil quer preencher uma grande lacuna de informações sobre a síndrome. No Down21 Brasil há endereços de entidades afins, indicação de legislação relacionada, um panorama da evolução da síndrome no país, *links* úteis, textos sobre saúde, educação e comunicação.

Patrícia, cuja filha Amanda, de três anos, tem síndrome de Down, afirma que faltava no Brasil uma fonte que fosse referência sobre o tema. “Nós pais temos uma urgência muito grande de que o mundo veja nossos filhos como nós os vemos, como pessoas iguais a quaisquer outras. Quando minha filha nasceu, custei muito a encontrar respostas para as perguntas que eu tinha. Além disso, a internet é um terreno perigoso para quem não tem conhecimento, e ainda por cima está fragilizado”, explica.

Em 2006, ano da primeira edição do Dia Internacional da Síndrome de Down, estava no ar a novela *Páginas da vida*, em que a menina Joana Mocarzel, que tem a síndrome, interpretava Clarinha. “A novela praticamente girava em torno da personagem e o mais gratificante foi ver com que delicadeza e propriedade o assunto foi abordado”, afirma Patrícia. A participação

da menina na novela foi proporcionada pelo premiado documentário *Do luto à luta*, do cineasta Evaldo Mocarzel, pai de Joana, que fala do percurso traçado pelos pais de filhos que têm a síndrome – da consternação inicial à ação em prol do seu bem-estar.

Patrícia afirma que a inclusão de pessoas com Down em novelas de TV tem sido um fator positivo, mas ressalta que a melhor forma de mudar o olhar da sociedade é através da convivência. “As pessoas têm medo do desconhecido. Ao promover a inclusão, também contribuimos para que esse medo se dilua. Para isso precisamos ver cada vez mais pessoas com deficiência ocuparem seus lugares de direito na comunidade”, diz.

Inclusão – Os últimos anos revelam um crescimento significativo do número de matrículas de alunos com síndrome de Down em escolas regulares. Uma criança com Down pode frequentar uma escola regular, pois o convívio com outras crianças colabora para o seu desenvolvimento e também é positivo para os colegas, pois faz com que cresçam respeitando as diferenças. Para Patrícia, o quadro da educação de pessoas com síndrome de Down no Brasil é muito irregular. Há municípios e escolas muito adiantados em seus projetos de inclusão, enquanto outros continuam atrasados.

Para Adriana Borba, professora de matemática da E. M. Anísio Teixeira, na Ilha do Governador, a integração dos alunos com síndrome de Down é calcada em um tripé que inclui a escola, a família e a professora itinerante, que acompanha a aprendizagem da criança. “O aluno com síndrome de Down aprende, sim, mas no seu tempo. É preciso que esse tempo seja respeitado. O acolhimento por parte da turma também é importante para estimular o desenvolvimento social”, acrescenta. Adriana dá aula para a aluna Raíssa Rolim, de 15 anos, que cursa o primeiro ano do terceiro ciclo e está na escola desde 2007.



Na Escola Municipal Anísio Teixeira, a aluna Raíssa Rolim, de 15 anos, recebe a orientação de professores itinerantes, como Letícia Carvalho

Cotas – Quanto a oportunidades de trabalho, a coordenadora do Canal Down 21 afirma que o Brasil dispõe de legislação que garante cotas para pessoas com deficiência, mas historicamente elas não têm acesso à capacitação profissional. “Já há, contudo, empresas que contratam o empregado e se responsabilizam por sua qualificação. Há ainda a Lei Escola de Fábrica, que retira o limite de idade para aprendizes e estabelece a avaliação por habilidades para aprendizes com deficiência intelectual”, completa.

Outra iniciativa apoiada pelo Down21 e outras organizações envolvidas com a síndrome é a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada no fim do ano passado pela ONU e que aguarda votação no Congresso. O documento trata de temas como a obrigatoriedade de educação especializada para pessoas com deficiência, acessibilidade e saúde. A campanha é para que seu texto seja ratificado como emenda constitucional.

O nível de informação sobre a síndrome também é maior hoje do que há algumas décadas, principalmente nas grandes cidades. Além disso, o avanço científico permitiu o aumento da expectativa de vida das pessoas com síndrome de Down. Em consequência disso, o atendimento também melhorou.

Leila Blanco, diretora do Instituto Helena Antipoff – que orienta famílias e escolas na educação de indivíduos com a síndrome –, afirma que antes os indivíduos com Down eram sempre deixados de lado, infantilizados – isso quando chegavam até a adolescência, pois o comum era morrerem cedo. “Isso se devia, principalmente, a um problema cardíaco congênito, que hoje pode ser resolvido cedo com cirurgia. Com isso, melhorou a frequência escolar e atendimentos como fisioterapia, algo que quase todos fazem”, ressalta, acrescentando que hoje quem tem Down faz esportes, teatro, capoeira e outras atividades.

Para as especialistas, o importante é que pessoas com a síndrome tenham as mesmas oportunidades que todos. “Nossa expectativa é que os progressos alcançados pelas pessoas com síndrome de Down se multipliquem e que, cada vez mais, elas sejam reconhecidas como cidadãos que podem contribuir para o desenvolvimento do país”, destaca Patrícia. Para Leila, as pessoas com síndrome de Down podem se desenvolver desde que tenham oportunidade. “O desenvolvimento humano se dá no convívio, na imersão histórico-social. Elas precisam estar imersas no caldo cultural e não alijadas disso”, conclui. ■

SAIBA MAIS

Sites

- Síndrome de Down Internacional: www.worlddownsyndromeday.org
- Down21 Brasil: www.down21.org (clique no ícone 'Continente Americano' à direita e escolha a opção 'Brasil') ou, para acessar diretamente, www.down21.org/latinoamerica/brasil/marco.htm



Hora de voltar à sala de aula

Lugar dos pais é na escola, acompanhando o desempenho da criança e quebrando preconceitos

Transformar a escola em um lugar tão acolhedor para os pais quanto costuma ser para os alunos é mais urgente do que nunca, dadas as questões sociais que atravessam os muros escolares, mudanças como o sistema ciclado e o crescimento da participação popular em todos os setores da sociedade. Mas, para que isso se concretize, há uma situação fundamental que deve ocorrer: a maciça participação dos pais no espaço de ensino. Isso vai muito além de chamar os responsáveis para a reunião de pais. De acordo com Lúcia Velloso Maurício, professora-adjunta de mestrado em educação da Universidade Estácio de Sá (Unesa) e da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), é importante saber acolher os pais. “De uma maneira geral, eles só são chamados quando algo está ruim ou para colaborar (como voluntários) na escola”, comenta.

Alguns pais entendem que ir à reunião pode significar simplesmente ouvir que algo está errado. Mas o encontro deve perder o caráter de obrigação e ganhar ares de acolhimento. Os responsáveis podem ser recebidos com um café da manhã, para descontrair. Após a reunião, os professores podem levar os pais para conhecerem todo o ambiente em que seus filhos vão permanecer durante o ano letivo. Nesse caminho, ganha-se a confiança dos pais e aprende-se um pouquinho sobre seus mundos. O sistema ciclado, onde o educador tem que entender a realidade do aluno para procurar novos caminhos para a aprendizagem, pode se beneficiar muito em escolas que abram as portas aos responsáveis.

Conhecer a criança através da família pode fazer o educador entender melhor o seu comportamento dentro de sala de aula. Às vezes, o que parece desrespeito ou pirraça é, na verdade, uma diferença cultural que o professor só vai identificar se tiver contato com as pessoas próximas àquele estudante. “É preciso que o professor entenda que os

pais, mesmo não sendo escolarizados, têm propostas e querem o melhor para os filhos. Como os pais pensam a idéia de educação? E a escola? Na troca, chega-se a propostas importantes”, explica Lúcia, que acrescenta: “O modelo republicano de escola é para todos, não pode perpetuar comportamentos que levem a um tipo de exclusão” (a dos pais pouco letrados).

Expectativas diferentes – Em uma pesquisa realizada por Lúcia Velloso, intitulada *A participação dos pais sob a ótica dos professores*, ela constatou que o tipo de participação e ajuda que os professores esperam dos pais geralmente não condiz com o que eles podem oferecer para a escola. Em alguns casos, citando outros autores, Lúcia conta que em algumas escolas pesquisadas havia casos de professores que não só não conheciam as famílias das crianças, como nem mesmo sabiam como era o bairro onde se inseria a escola. Um dos problemas apontados é que erroneamente alguns professores achavam que pais pouco escolarizados eram mais desinteressados sobre a vida escolar do filho, quando na verdade não conseguiam ler os bilhetes enviados pela educadora.

Os resultados obtidos com a pesquisa desenvolvida com professores de duas cidades fluminenses reforça o que outros estudiosos já haviam detectado. Para a maioria dos professores, a função dos pais deveria se restringir a estimular a frequência, acompanhar as tarefas das crianças e freqüentar a escola quando são chamados. Ou seja, uma participação incompleta, deixando de fora situações que os estudiosos consideram importantes: os pais devem ter a iniciativa de buscar informações na escola, perguntar ou opinar sobre aspectos pedagógicos e até discutir a função da escola. “Esses profissionais não valorizam práticas que pressuponham o envolvimento do sujeito na solução de seus problemas”, lamenta. ▶

TEXTO

BETE NOGUEIRA

ILUSTRAÇÃO

ALINE CARNEIRO E

GUSTAVO CADAR

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

Escola de todos – É claro que existe certa resistência por parte dos pais, mas nesse processo é a escola que deve dar o primeiro passo para a aproximação. Quanto mais forem criadas oportunidades de levar os pais à escola, mais a criança verá aquela convivência como algo positivo. O sentimento do aluno vai se modificando: ele sente orgulho de ver os pais naquele espaço e tendo voz, o que faz aumentar a sua confiança. A longo prazo, o meio ambiente ficará mais acolhedor, criando-se uma relação de respeito. Isto beneficia a vontade de aprender “Um dos problemas da educação é que ela precisa da adesão, o

“Administração escolar e qualidade do ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso?”
Escritos sobre educação. São Paulo, Xamã.

estudante precisa querer aprender para dar certo”, alerta a pesquisadora.

Essa relação amistosa pode até mesmo estender-se à comunidade, transformando a instituição em espaço para atividades diversas no fim de semana. De acordo com Vitor Paro¹, os usuários do espaço escolar tendem a colaborar e as depredações diminuem: os atos de vandalismo passam a ser inibidos por ser um local visto com bons olhos, ou então a comunidade desenvolve mecanismos de proteção à escola. ■

Mães participativas

Duas mães dão depoimento sobre suas convivências com os educadores.

“Minhas filhas estudaram nas escolas municipais Gabriela Mistral e Minas Gerais, ambas na Urca. Eu não faltava a uma reunião de pais e percebia que o comparecimento era em massa. Quando elas eram pequenininhas, ia às festinhas. Nas reuniões regulares, os professores falavam abertamente sobre tudo, esclareciam, mostravam estar muito atentos aos alunos: havia uma troca. Se o professor não tem com quem falar, qualquer probleminha pode virar um problemão. A diretora, quando achava necessário, chamava os pais para um bate-papo. Se os pais tomassem a iniciativa, ela também sempre os recebia. Minha filha mais nova, por exemplo, quando estava na 6ª série, começou a andar com uma turminha de góticos que estava se formando na escola. A diretora, que da sua sala observava sempre a movimentação do pátio, chamou todos os responsáveis. Eu conversava diariamente com ela sobre isso, mostrava que adotar o visual gótico é muito diferente de ser gótico, mostrava que não era bom valorizar um comportamento mórbido, pessimista. Não proibi nada, só acompanhei, orientada pela diretora. Logo, passou a preocupação. As professoras seguiam a mesma cartilha da diretora: os responsáveis se sentiam à vontade para falar sobre qualquer assunto. Percebia que até as mães que tinham horários pouco flexíveis faziam

questão de ir, pediam para sair mais cedo do trabalho porque aquele era um compromisso importante. Quando as meninas eram pequenas, eu só cuidava delas. Então, tinha tempo para ajudar as professoras a organizar os trabalhos das turmas, separando por série, data. Estava sempre envolvida com a escola”. — LÚCIA BARREIROS, produtora gráfica, mãe de Alice e Taís (hoje com 19 e 16 anos, respectivamente).

“Até o ano passado, minha filha estudou no Ciep Agostinho Neto, no Humaitá. Eu sempre participei de reuniões, sozinha ou com meu marido. Era legal porque os professores sabiam quem eu era, sabiam meu nome. Sempre deixei minha filha participar de todas as atividades propostas pela escola, por confiar neles. Uma vez, achei injusto o tratamento que uma professora deu à minha filha, desconfiando de que ela tinha ‘colado’. Tive a iniciativa de conversar com a diretora, que resolveu tudo da melhor maneira. Vejo que muitos nem vão à reunião de pais, talvez por problemas no trabalho. Minha filha já está acostumada a eu acompanhar tudo e é primeira a pedir que eu veja suas atividades – fica uma convivência legal. Este ano, ela teve que mudar de escola, está triste por isso. Ainda não pude ir na nova escola, só o meu marido. Mas faço questão de ir lá conhecer o lugar e os professores.” — DULCINÉIA MARIA DA SILVA, copeira, mãe de Fabíola, de nove anos.

Viagem à época de D. João



Thaís Palhares do Nascimento e Igor da Silva Pinta representaram D. Pedro II e Teresa Cristina na festa da E. M. Noel Nutels

Os alunos da Escola Municipal Noel Nutels, do bairro do Tanque, Jacarepaguá (7ª CRE), fizeram uma verdadeira viagem no tempo, rumo ao Brasil do século XIX. A partir do projeto político-pedagógico batizado de Brasil Real, professores e alunos do período intermediário do 3º ciclo de formação desenvolveram uma série de atividades sobre o tema nas aulas

de história, ciências e língua portuguesa. O trabalho está relacionado às comemorações do bicentenário da chegada da corte de D. João ao Rio de Janeiro, organizado pela Prefeitura do Rio.

A aula de língua portuguesa foi o ponto de partida. O professor Paulo Roberto da Silva indicou a leitura da obra de ficção *Mistério* ▶

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

no *Museu Imperial*, de Ana Maria Massa. A história se passa no Museu de Petrópolis, que já foi residência de veraneio de D. Pedro II. Segundo Paulo Roberto, foi uma forma de os alunos se familiarizarem com a história da Família Real e conhecerem fatos históricos anteriores à época do monarca. A empolgação dos estudantes com o livro foi tanta que o professor resolveu levá-los para visitar o cenário em que se passa a história contada no livro. Além disso, ao entrevistarem a autora pela internet, eles puderam entender como se dá o processo de criação literária.

Daí para as aulas de história da professora Teresa Cristina Peixoto foi um pulo. “Como já está no conteúdo do ciclo a vinda da Família Real para o Brasil, comecei a abordar o aspecto teórico, apresentando o Rio antigo, o contexto histórico da chegada de D. João”. Depois de reunirem informações suficientes sobre o período joanino no Brasil, os alunos foram convocados a fazer desenhos sobre o tema. Dentre os 70 trabalhos apresentados, o do aluno Thales Pedreira Braga foi o escolhido para participar do Concurso de Redação e Desenho, organizado pela Prefeitura do Rio para premiar os melhores da rede municipal. Também foram inscritos trabalhos de redação no concurso, que é mais um evento das comemorações oficiais da chegada da corte de D. João ao Rio. Na opinião de Paulo Roberto, os textos produzidos refletiram o interesse dos alunos pelo tema, porque já estavam familiarizados com o contexto histórico.

Na avaliação de Teresa Cristina, as atividades conseguiram promover uma verdadeira transformação nas atitudes dos alunos, já que eles passaram a tratar a história do Brasil com mais seriedade, aprenderam a discutir problemas brasileiros e compreenderam que o que acontece hoje é reflexo do passado. “Além de se interessarem por nossa cultura, também ficaram curiosos com o que se passava nos bastidores do cotidiano da Família Real”, conta a professora de história. O trabalho rendeu ainda a visita de 50 dos alunos da escola ao Museu Histórico Nacional, no centro da cidade, durante o evento *Primavera dos Museus*, que contou com exibição musical e uma exposição sobre o tema.

Para que os alunos tivessem uma visão panorâmica sobre a época estudada e conhecessem mais uma face da realidade brasileira, a professora de ciências Lúcia Regina Macedo abordou com eles temas relacionados a questões sanitárias na época, como vacinas, distribuição de água e iluminação pública. A partir dessa experiência, alunos e professora criaram um quebra-cabeças que tratou dos benefícios usufruídos pela população da cidade com o saneamento público, além de outros temas relacionados a ciências.

A idéia foi trabalhar aspectos positivos da chegada da Família Real, como a construção de prédios públicos importantes na cidade e as medidas sanitárias tomadas pela corte, ressaltando a mudança de *status* da cidade, que passou a ser capital do império. Mas isso não impediu que fossem incluídos no trabalho aspectos negativos da época, como, por exemplo, o trabalho escravo. “A questão da construção de uma identidade brasileira permeia todo o projeto”, ressalta Teresa.

Envolvidos com tantas atividades, os professores da Noel Nutels resolveram promover uma festa para comemorar os resultados obtidos. O evento contou com exposição de desenhos feitos pelos alunos, fotos do Museu Histórico Nacional, frases e redações, além de painéis explicativos sobre o Rio antigo, a contribuição dos escravos e as medidas sanitárias adotadas na época. Os alunos-monitores apresentaram aos colegas o que haviam aprendido sobre o período histórico e falaram das transformações ocorridas na cidade com a chegada da Família Real.

O destaque da festividade foi a caracterização de alunos como personagens da história brasileira. O aluno Igor da Silva Pinto, de 14 anos, se vestiu de D. Pedro II e a aluna Thaís Palhares dom Nascimento, da mesma idade, se caracterizou como a imperatriz Teresa Cristina, mulher do segundo imperador brasileiro. A idéia das vestimentas partiu dos alunos, que se prontificaram a pesquisar costumes da época para compor os personagens. Com o sucesso do projeto, a coordenadora pedagógica, Vânia Piffano, foi só elogios, dirigidos a professores e alunos. “Eu me surpreendi com o trabalho por unir toda a comunidade escolar, que, engajada, produziu resultados muito interessantes”. ■



O trabalho em torno dos 200 anos da vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil envolveu a produção de jogos, textos e desenhos

Efemérides na escola

O homem sempre precisou de um calendário para se organizar. A humanidade, ao longo da história, sempre utilizou um sistema de medição e de registro do tempo, na medida em que isso a ajudou a produzir bens para atender a suas necessidades e a controlar as reservas de seus alimentos naturais, por exemplo.

Na escola não é diferente. Todo ano, cada instituição escolar planeja suas atividades a partir do calendário de efemérides. Efeméride significa, em latim, memorial diário, calendário, ou, em grego, de cada dia, cotidiano. Uma efeméride é um fato relevante para ser lembrado ou comemorado em um certo dia.

Faz parte do cotidiano escolar festejar algumas datas comemorativas do acervo cultural da cidade, do país e do mundo. Trabalhar efemérides na escola é uma forma de oferecer conhecimentos, atitudes e valores, integrando escola e comunidade. Elas demonstram o modo de vida de um povo, componente fundamental da cultura de cada grupo social, local e época.

As atividades devem ser contextualizadas, significativas, desafiadoras, críticas e integrar várias áreas do conhecimento. Devem valorizar o entrecruzamento de culturas, etnias e costumes que marcam as festividades em nosso país.

O cuidado e atenção de professores e coordenadores devem recair sobre as comemorações de algumas efemérides marcadas por apelos comerciais e consumistas. As datas religiosas também requerem cuidado, pois devem respeitar e alcançar todos os credos e crenças.

O fundamental é que os alunos tenham a oportunidade de planejar, de forma coletiva, o desenvolvimento de atividades que não estimulem ainda mais o consumo entre crianças e jovens e principalmente não sejam realizadas apenas para satisfazer expectativas de pais. A comemoração de uma efeméride não pode ficar restrita aos enfeites do pátio da escola nem a indumentárias dos alunos. (CRISTINA CAMPOS)

Olhar crítico sobre a TV



A professora Eliane Pimenta exhibe a produção dos alunos do Ciep Oswald de Andrade no projeto Olho Vivo na Telinha, desenvolvido na sala de leitura

É inegável que a TV é um dos meios de comunicação de maior influência em nosso tempo. E é para dar aos alunos a oportunidade de descobrir como se produz um programa de TV e fazer com que tenham uma visão crítica em relação ao que assistem que a professora Eliane Pimenta, da sala de leitura do Ciep Oswald de Andrade, iniciou em 2006 as atividades do projeto De Olho Vivo na Telinha. Naquele ano as oficinas trabalharam diferentes aspectos da produção de mídia para TV e estudaram a estrutura das propagandas. No ano passado, a turma chegou a produzir um telejornal.

Ao longo das oficinas, os alunos da unidade de Parque Anchieta (6ª CRE) conheceram todas as etapas de produção dos programas de TV – da parte técnica, passando pelo trabalho jornalístico de escrever textos para TV, até a apresentação. “Eles aprendem

como funciona a estrutura de um programa de televisão. Percebem que há todo um processo de produção nos bastidores. Entendem a diferença entre o texto impresso e o de um telejornal. Aprendem que o apresentador não fala o que vem a sua cabeça, mas lê o texto em um *teleprompter*¹. Como eles escrevem as matérias do telejornal, a atividade estimula a produção de textos”, afirma Eliane.

¹*Teleprompter* é um equipamento usado por apresentadores, atores e políticos em telejornais, publicidade, filmes, discursos etc. A imagem dos textos é eletronicamente invertida da esquerda para a direita e depois refletida em um espelho montado num ângulo de 45° em relação à lente da câmera à frente do locutor, para passar a impressão de que ele está olhando diretamente para a audiência.

TEXTO

FÁBIO ARANHA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

Para formar os grupos que participam das oficinas, são escolhidos cinco alunos das três turmas do primeiro ano do segundo ciclo da escola, totalizando 15 jovens. Nos grupos, há tanto alunos com bom desempenho escolar quanto com dificuldades. A intenção é estimular a cooperação entre os estudantes. Mas há diferenças entre um telejornal convencional e os produzidos na unidade de Padre Anchieta. Lá os alunos preparam o noticiário com matérias que refletem suas propostas para um mundo melhor. “A atividade serve como estímulo para que eles pensem questões como, por exemplo, violência e meio ambiente de uma forma mais profunda”, explica a professora da sala de leitura. As oficinas são realizadas uma vez por semana durante o ano letivo.

Meio ambiente – As atividades continuam este ano. No primeiro semestre, os alunos produzirão notícias e gravarão matérias sobre meio ambiente. A partir do segundo semestre, os grupos produzirão programas de entrevistas. Deverão conversar com autoridades, representantes da comunidade, escritores e outras personalidades sugeridas ao longo das oficinas. Os vídeos serão exibidos na escola, em sessões seguidas de relatos dos jovens sobre o trabalho de produção. Além da produção de programas, os alunos também integram um grupo de pesquisa sobre mídia na sala de leitura.

Para 2008, Eliane quer que esse trabalho tenha uma divulgação mais intensa, para que outras escolas e um número maior de pessoas

também possam aproveitar os bons frutos da experiência. “Tão interessante quanto o produto final da oficina é os alunos partilharem suas experiências com outros colegas. São relatos muito enriquecedores”, comenta a professora.

A interação entre os grupos e destes com os professores também é facilitada. Além de os alunos ficarem mais atentos ao que assistem na televisão. “Eles deixam de ter uma atitude passiva, trazem assuntos para as oficinas e comentam o que vêem em casa. Assistem à programação de TV com olhar crítico e se tornam mais exigentes quanto ao que assistem. Isso é importantíssimo, porque a mídia tem hoje uma penetração muito forte na vida desses meninos. Eles passam muitas horas na frente da TV”, afirma.

Para a professora, as oficinas melhoraram o desempenho escolar desses jovens. Isso se deve, em parte, à maior interação que se consegue em grupos reduzidos. Os alunos se sentem mais à vontade e têm mais espaço para expressar suas idéias. E os grupos são bem heterogêneos, o que faz com que seus componentes aprendam a lidar com sujeitos diferentes e a trabalhar em equipe. “A iniciativa está de acordo com as diretrizes da Unesco [Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura], segundo as quais as crianças têm o direito de produzir e de expressar seus pensamentos, o que inclui participar da produção de conteúdos midiáticos”, conclui. ■

“Notícia... é sempre de verdade”... será?

Pesquisa com crianças de uma escola municipal da Zona Oeste do Rio indica como é diversificada, difusa e ambígua a compreensão das crianças sobre notícia de televisão. Informação e notícia nesse estudo são palavras eventualmente utilizadas como sinônimos e parecem circunstâncias que as crianças gostariam de evitar, por representarem a imposição de um contato com “coisas duras e muito assustadoras”, já que é nos telejornais “que as coisas ruins acontecem de verdade”, diz um menino de sete anos.

Nos depoimentos infantis há o reconhecimento de que tanto em casa quanto

na escola o que elas vêem, pensam e sentem sobre TV não é assunto de interesse dos adultos. “A gente não pode falar nada para não atrapalhar o jornal, só ouvir. A gente tem que ficar muda, só ali parada, ouvindo. Eu só fico esperando o jornal acabar para poder ver a minha novela, que eu adoro”, diz uma menina de seis anos.

Está posto, assim, um desafio para responsáveis e professores: criar condições para que se estabeleça esse diálogo e, com isso, poderem saber como suas crianças relacionam as notícias da TV com os seus arcaibouços subjetivos, com o seu modo próprio de ser/estar no mundo. (MARIA INÊS DELORME)

História contada em verbetes

Dicionário a ser lançado em abril reúne fatos, personagens e curiosidades sobre o período de D. João VI



A aclamação de D. João VI é um dos verbetes do *Dicionário do Brasil joanino*. A aquarela do pintor Jean-Baptiste Debret retrata a cerimônia

COMISSÃO PARA AS
COMEMORAÇÕES DA
CHEGADA DE D. JOÃO
E DA FAMÍLIA REAL
AO RIO DE JANEIRO



D. JOÃO VI
NO RIO

• 1808-2008 •

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

DIVULGAÇÃO/SECRETARIA
MUNICIPAL DAS CULTURAS

O Rio de Janeiro era até então uma cidade colonial, quando em 7 de março de 1808 desembarcou na cidade a Família Real portuguesa, trazendo consigo toda a pompa da nobreza e alterando definitivamente a rotina dos brasileiros. Da noite para o dia, o Rio se tornou capital do império e ganhou inúmeras instituições políticas e culturais. Essa história pode ser contada de muitas maneiras, até mesmo sob a forma de verbetes. E é esta a proposta do *Dicionário do Brasil joanino*, organizado pelos historiadores Lúcia Bastos e Ronaldo Vainfas, a ser lançado em abril próximo pela Editora Objetiva, para as comemorações do bicentenário da chegada de D. João ao Rio.

A publicação tem 150 verbetes elaborados por 48 historiadores, retratando uma série de eventos, fatos, conceitos, processos, personagens e instituições que fazem parte do período em que D. João esteve na cidade, ou seja, de

1808 a 1821. As personalidades tratadas no dicionário vão de D. João e Carlota Joaquina a Napoleão Bonaparte, o grande responsável pela transferência da corte para o Brasil. Afinal, foi ele quem impôs que Portugal se juntasse ao bloqueio continental que a França decretara contra a Inglaterra, fechando os portos europeus ao comércio inglês. Como Portugal não podia virar as costas para os ingleses, a nobreza daquele país empenhou-se numa retirada estratégica, para não se render às tropas de Napoleão, assim chegando às terras brasileiras para uma estada que duraria 13 anos.

A historiadora e organizadora do dicionário, Lúcia Bastos, foi a responsável pelo verbete sobre Napoleão, onde procurou mostrar aspectos negativos e positivos do general francês. “O verbete ficou bem interessante. Como não dava para fazer uma biografia de Napoleão, trabalhei a partir de folhetos políticos da época.

Pesquisei sobre a forma pela qual ele era visto por Portugal e pelo Brasil”, explica Lúcia. Mas dentro do espaço dedicado a ele outras figuras interessantes aparecem para compor essa história, como por exemplo o holandês Dirk van Hogendorp, que pertenceu ao exército napoleônico. Até 1814 ele esteve próximo do francês e participou com ele de algumas batalhas. Em 1815, Hogendorp veio morar no Brasil e se tornou conhecido de figuras ilustres da corte portuguesa. Segundo Lúcia, D. Pedro gostava de visitar Hogendorp na sua casa situada, por incrível que pareça, na Floresta da Tijuca.

Entre outros personagens estrangeiros biografados, que tiveram importância no período joanino, está o Lord William Beresford, militar britânico que esteve à frente de uma junta governamental que interveio em Portugal, a partir de 1807, quando a Família Real deixou o país rumo ao Brasil. Sidney Smith é outra personalidade inglesa apresentada na publicação. Foi ele quem comandou uma poderosa esquadra ao redor de Lisboa para bloquear o comércio português e assim sufocar financeiramente o país. Mas foi também designado pela coroa inglesa para proteger a Família Real em sua viagem ao Brasil.

Na opinião da organizadora do dicionário, não são príncipes, rainhas ou conquistadores os personagens mais interessantes, mas sim um homem que veio na comitiva portuguesa, incumbido de trazer os livros da Biblioteca Real: Luiz dos Santos Marrocos. Várias publicações trazidas de Portugal serviram de núcleo para a criação da Biblioteca Nacional. “Ele veio trabalhar na Biblioteca Real e se tornou importante para a história porque escreveu uma série de cartas para o pai, e através delas é possível ter uma visão do cotidiano brasileiro naquele momento, como as relações políticas e até intrigas da corte”, explica Lúcia.

Processos e conceitos – Entre os registros que falam dos conceitos utilizados à época, está um sobre a África, elaborado pelo embaixador Alberto da Costa e Silva, autor de inúmeros estudos sobre o continente, que trata de questões relacionadas até mesmo à escravidão. Outros verbetes procuram trazer conceitos e estruturas presentes em nossa história e se referem à emancipação política, à aclamação

de D. João, além da própria transmigração da Família Real.

Fatos conhecidos do público e outros nem tanto podem ser apreciados por estudiosos e curiosos. Um dos destaques, elaborado pela professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) Regina Celestino, é sobre a guerra declarada aos índios botocudos, em 13 de maio de 1808, mesmo ano da instalação da corte no Rio de Janeiro. A população indígena vivia às margens do Rio Doce, em Minas Gerais, e o objetivo do governo era desocupar a região, para garantir projetos de desenvolvimento regional, como navegação fluvial e ocupação das terras.

Episódio também marcante da nossa história, narrado em forma de verbete pela historiadora Jacqueline Hermann, professora-adjunta de história da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), é a rebelião na Serra do Rodeador, em 1817. O movimento foi deflagrado no agreste pernambucano por homens e mulheres humildes que sonhavam construir a Cidade do Paraíso Terrestre. Espionada pelas tropas monárquicas, a rebelião acabou derrotada em 1820.

Além de personalidades e fatos, as instituições criadas por D. João não foram esquecidas na publicação comemorativa. É possível encontrar no *Dicionário* referências à Imprensa Régia, à Biblioteca Real (atual Biblioteca Nacional), ao Tribunal da Mesa do Desembargo do Paço, ao Jardim Botânico, por exemplo. Um dos destaques é a Casa de Banhos do Caju, que era onde o príncipe regente tomava banhos de mar por questões de saúde. “D. João tinha problemas de saúde desde criança, inclusive feridas nas pernas. Acredita-se que os banhos de mar eram para curá-las. Para que ele pudesse entrar na água, construíram uma espécie de barrica de madeira para protegê-lo dos caranguejos”, conta Lúcia.

A publicação traz dados que na avaliação da sua organizadora podem servir não só para especialistas, mas também para professores do ensino médio, como material complementar. Segundo Lúcia, ao se comemorarem os 200 anos da vinda da Família Real para o Rio, é possível repensar a história, analisando conceitos e fatos que construíram o Brasil de hoje. ■



Dona Leopoldina e, abaixo, D. João VI, retratados por Debret



Lugares do Rio de Machado

Personagens de romances e contos do escritor transitam pela Cidade Maravilhosa do século XIX



TEXTO Bentinho descobriu que amava Capitu, quando

CAROLINA BESSA morava na Rua Matacavalos (do Riachuelo).

FOTOS Brás Cubas, certa vez, pediu que o condutor

DIVULGAÇÃO ABL E da carruagem o esperasse no Largo de São

ARQUIVO GERAL DA Francisco de Paula. O professor Rubião

CIDADE contemplava a Enseada de Botafogo (foto).

ARTE E o rapaz Nogueira saiu de Mangaratiba para

CLÁUDIO GIL morar na Rua do Senado, na casa de um

escrivão. Esses personagens¹ pertencem ao

universo literário do escritor Machado de Assis

e todos eles têm ligação com lugares do Rio de

Janeiro. Afinal, o escritor passou a vida inteira

na cidade que se tornou cenário dos seus mais

interessantes romances, contos e crônicas.

¹Bentinho e Capitu são personagens de Dom Casmurro; Brás Cubas é o defunto narrador de Memórias póstumas de Brás Cubas; Rubião pertence ao romance Quincas Borba e Nogueira é o rapaz que se encanta por uma mulher mais velha no conto "A missa do galo".

Muitos bairros do Rio foram retratados por Machado de Assis: Catete, Tijuca, Engenho Novo, Botafogo, Cosme Velho... mas o Centro aparece com mais destaque na sua obra. Para Luciano Trigo, autor do livro *O viajante imóvel*, sobre o escritor, o Centro da cidade era muito mais importante no século XIX do que nos dias atuais. A Rua do Ouvidor, por exemplo, era a que mais fascinava o escritor, por ser o lugar em que ele ficava sabendo das novidades. A cada esquina, as pessoas se reuniam para falar de política, teatro, música, moda... Era um lugar de grande circulação, a ponto de a Família Real portuguesa deixar seus palacetes para passear por suas calçadas. O comércio era atrativo, havia lojas especializadas em seda, chapelarias, perfumarias, livrarias, cabeleireiros e joalherias. O conto "Tempo de crise" mostra esse centro de efervescência cultural e política do século XIX.

Um dos romances da fase madura do escritor, *Esau e Jacó*, retrata bem essa fase da cidade. Quando o escreveu, Machado estava praticamente recluso em sua casa no Cosme Velho, embora o Centro nunca lhe saísse da memória. A professora-titular do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), Barbara Freitag-Rouanet, no artigo “A arte de flunar pelo Rio”, estuda as formas pela quais o escritor mergulhou no universo da cidade, retratando lugares e pessoas. Em seus estudos, ela conta uma passagem em que Nóbrega, personagem secundário do romance, desce o Morro do Livramento: “Lá se foi a pé; desceu pela Rua São José, dobrou a da Misericórdia, foi parar à praia de Santa Luzia, tornou pela Rua D. Manuel, enfiou de beco em beco... Voltou mais vezes. Só as casas eram as mesmas, pareciam conhecê-lo e algumas quase que lhe falavam”.

Não é de estranhar que o Morro do Livramento esteja presente na obra e em outros textos de Machado. Isso porque o lugar chegou a fazer parte de sua memória afetiva, já que ele passou a infância numa chácara do morro que pertenceu à família de Maria José de Mendonça Barroso Pereira, para quem a mãe do escritor, Maria Leopoldina, trabalhava como costureira. Segundo Keila Grinberg, Lucia Grinberg e Anita Correia de Lima de Almeida, no livro *Para conhecer Machado de Assis*, está no conto “Casa Velha” a descrição da casa principal e da capela da Chácara do Livramento: “Era uma edificação sólida e vasta, gosto severo, nua de adornos. Eu, desde criança, conhecia-lhe a parte exterior, a grande varanda da frente, os grandes portões enormes [...] havia, do lado oposto, onde ficava a capela, um caminho que dava acesso às pessoas da vizinhança, que ali iam ouvir missa aos domingos, ou rezar a ladainha aos sábados.”

Outros dois lugares nos remetem ao escritor, por terem feito parte da sua vida. O primeiro, o Largo do Machado. Ele morou próximo ao largo, na Rua das Laranjeiras, número 4. Ao contrário do que muita gente pensa, o nome não tem nada a ver com Machado de Assis.

Antes foi chamado Campo das Pitangueiras, depois das Laranjeiras. Passou a ser conhecido pela denominação atual porque havia um enorme machado de pau na porta de um açougue do largo. Na época em que o escritor se mudou para lá, por volta de 1876, foi construída a Matriz da Glória. A segunda referência é o Cosme Velho. Foi o lugar de sua última moradia ao lado da esposa Carolina. O escritor morreu na sua casa, localizada na Rua Cosme Velho, número 18 (foto). A construção não existe mais. Chegou a ser uma pizzaria e hoje abriga um condomínio residencial. Na última etapa da vida, Machado costumava lá ficar recluso para escrever seus livros e pouco saía à rua. Por isso mesmo ganhou seu mais conhecido apelido de “Bruxo do Cosme Velho”, citado em um poema do poeta Carlos Drummond de Andrade.

Em uma das suas mais importantes obras, *Dom Casmurro*, alguns locais são marcantes. A Rua Matacavalos, hoje conhecida como Rua do Riachuelo, tinha esse nome porque era repleta de barrancos que cansavam os animais. Lá, o personagem Bentinho morava com a mãe. Hoje é uma das vias mais movimentadas da Lapa. Outros espaços do Rio são citados na obra, como o bairro da Glória, onde o personagem acredita ter sido traído pelo grande amor, Capitu, com seu amigo Escobar. Já o Corcovado é cenário de um dos sonhos de Capitu: “...ouvira-lhe contar que sonhara comigo, e eram aventuras extraordinárias, que subíamos o Corcovado pelo ar, que dançávamos na lua [...]”.

Quem leu *Memórias póstumas de Brás Cubas* encontra referências, por exemplo, à Igreja de São Domingos, onde o protagonista da história é batizado. Na verdade, trata-se de uma edificação de 1791, na Praça Tiradentes, que resistiu até 1942. Na mesma história, o Theatro de São Pedro, construído na mesma praça e destruído por um incêndio, é citado. O local tem importância pessoal para o escritor, já que aos 20 anos ele se aventurara a escrever libretos de óperas. Sua estréia se deu naquele teatro, com a ópera *Pipelet*. ►



SAIBA MAIS

Livros

CARRER, Aline & GLEDSON, John. *O Rio de Assis* – imagens machadianas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 1999.

GRINBERG, Keila, GRINBERG, Lucia & ALMEIDA, Anita Correia Lima de. *Para conhecer Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005

TRIGO, Luciano. *O viajante imóvel*. Rio de Janeiro, Record, 2001.

Mudanças ocorridas na cidade, como o surgimento dos bondes, não passaram em branco para o escritor. Em 15 de março de 1877, Machado retratou essas mudanças na crônica “Progresso”. “Inauguram-se os *bonds* de Santa Teresa – um sistema de alcatruzes ou de escada-de-jacó – uma imagem das coisas deste mundo. Quando um *bond* sobe, outro desce; não há tempo em caminho para uma pitada de rapé; quando muito, podem dois sujeitos fazer uma barretada”.

Machado foi um cronista local, sem deixar de lado o olhar crítico. Na avaliação de Luciano Trigo, foi um documentarista engajado na interpretação dos costumes de sua época. “Ele foi um intérprete desse microcosmo que era a sociedade do Rio de Janeiro no Segundo Reinado e nos primeiros anos da República. De certa forma, codificou o funcionamento da sociedade, e esses códigos estão presentes até hoje no nosso imaginário”, analisa. ■

Lugares citados em obras de Machado

A Praça Tiradentes já abrigou edificações como o Theatro de São Pedro e a Igreja de São Domingos, onde o protagonista de *Memórias póstumas* foi batizado

- Morro do Livramento – foi derrubado e no local, aberta a Avenida Central.
- Avenida Central – atual Avenida Rio Branco
- Largo do Rocio – atual Praça Tiradentes
- Rua da Direita – atual Rua Primeiro de Março
- Rua do Piolho – atual Rua da Carioca
- Rua do Sacramento – atual Avenida Passos
- Rua dos Latoeiros – atual Rua Gonçalves Dias
- Rua Matacavalos – atual Rua do Riachuelo
- Largo do Paço – atual Praça XV de Novembro
- Igreja de São Domingos – ficava na praça Tiradentes, mas foi demolida em 1942
- Theatro São Pedro de Alcântara – foi destruído pelo fogo e hoje o novo prédio em estilo art-déco, se chama Teatro João Caetano.



Nesta edição indicamos livros e filmes sobre música erudita e popular.

Livros

A orquestra tintim por tintim

Liane Hentschke, Luciana Del bem, Elisa da Silva e Cunha, Susana Ester Kruger
Editora Moderna, 2005

A música está sempre presente nos diferentes momentos de nossa vida, despertando emoções e sentimentos diversos. Neste livro você conhecerá uma orquestra, seus instrumentos, o papel do maestro, dos instrumentistas, da partitura, da batuta... E compreenderá como o mundo da música de orquestra pode ser deslumbrante! Ao ouvir o CD que acompanha o livro descobrirá um universo de sons ricos em detalhes e surpresas. No final, com certeza, você vai querer assistir a um concerto ao vivo! Será uma experiência fascinante.

Mozart e a flauta mágica

Montse Sanuy, Violeta Monreal
Editora Girassol, 2006

Neste livro, você vai descobrir muitas curiosidades sobre a vida e a obra do brilhante compositor Wolfgang Amadeus Mozart (1756-91) e sobre a época em que ele viveu. Um menino, que aos três anos já rabiscava notas musicais, aprendeu brincando a compor e a interpretar música, e vivia inventando histórias como *A flauta mágica*, com monstros, princesas, vilões e muita magia. O livro traz um CD com trechos desta famosa obra, que pode ser acompanhada pelas indicações nas páginas 10,11, e 12

Aquela canção

12 contos para 12 músicas

Moacyr Sciar, Milton Hatoum, Lívia Garcia-Rosa e outros
Editora Publifolha, 2005

Doze canções da música popular brasileira servem de inspiração para 12 escritores, que compõem suas narrativas em contraponto com a memória das letras e melodias. Milton Hatoum, Beatriz Bracher, Moacyr Sciar, Marçal Aquino, José Eduardo Agualusa e Luis Fernando Verissimo são alguns dos autores. Acompanha o livro um CD da gravadora Biscoito Fino, com as 12 canções, interpretadas por Milton Nascimento, Gilberto Gil, Paulinho da Viola e Marisa Monte, entre outros.

Filmes

Vinicius

Direção: Miguel Faria Jr, 2005,
Brasil

A montagem de um show é o ponto de partida para a reconstrução de uma trajetória sem paralelo no cenário cultural do país. A vida, os amigos, os amores de Vinicius de Moraes, autor de mais de 400 poemas e cerca de 400 letras de música. O filme exalta a essência criativa do artista e filósofo do cotidiano e as transformações do Rio de Janeiro através de raras imagens de arquivo, entrevistas e interpretação de muitos de seus clássicos.

Nelson Freire

Direção: João Moreira Salles, 2004,
Brasil

Nelson Freire conta a história do menino-prodígio do interior de Minas que se tornou unanimidade internacional. Filmado no Brasil, na França, na Bélgica e na Rússia, o documentário acompanha a rotina de Nelson em concertos e recitais, desde o primeiro contato com o piano até a recepção dos admiradores no camarim. Uma música pontua o filme. Nelson toca Brahms, Schumann, Tchaikovsky, Chopin, Bach, Gluck, Villa-Lobos, e interpreta Rachmaninoff a quatro mãos com a lendária pianista argentina Martha Argerich.



Leia mais sobre música orquestral e a Academia Brasileira de Música na página 10 desta edição.

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio							
14h-14h30	Ninguém Merece	Br@nché (língua francesa) Abraço Completo à Infância	Nós da Escola	Crônicas da Minha Escola Juro Que Vi	Aventuras Cariocas Gerúndio e Cacófato Memórias Cariocas	9h-9h30	Ninguém Merece
14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h	Abraço Completo à Infância Aqui no Meu País
Net - canal 14							
7h30 - 8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados
8h-9h	Tempo e Clima Contos Desfeitos Um Sonho de Criança	Tempo e Clima Contos Desfeitos Um Sonho de Criança	Tempo e Clima Contos Desfeitos Um Sonho de Criança	Tempo e Clima Contos Desfeitos Um Sonho de Criança	Tempo e Clima Contos Desfeitos Um Sonho de Criança	Juro Que Vi Aventuras Cariocas	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas
	As Formas do Invisível Museu Mutante Lucas e Lucinda A Rua do Zôo 64 Aqui no Meu País	As Formas do Invisível Museu Mutante Lucas e Lucinda A Rua do Zôo 64 Aqui no Meu País	As Formas do Invisível Museu Mutante Lucas e Lucinda A Rua do Zôo 64 Aqui no Meu País	As Formas do Invisível Museu Mutante Lucas e Lucinda A Rua do Zôo 64 Aqui no Meu País	As Formas do Invisível Museu Mutante Lucas e Lucinda A Rua do Zôo 64 Aqui no Meu País	Abrindo o Verbo	
	Abrindo o Verbo <i>Temas: Ensino Médio I (3); Pensando no Amanhã (10); Artes Visuais (17); Ensino Médio II (24); Alimentação (31)</i>	Cantos do Rio	Encontros com a Mídia <i>Convidados: Nádia Rebouças (5); Rui de Oliveira (12); Patrícia Dias (19); Bia Bedran (26)</i>	Nós da Escola	Aventuras Cariocas Juro Que Vi	Crônicas da Minha Escola Abraço Completo à Infância	Como a Arte Moldou o Mundo Poder da imagem nas sociedades humanas
9h30-10h	Noah e Saskia Série australiana	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Noah e Saskia Série australiana	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Noah e Saskia Série australiana	Criatividade Memórias Cariocas Gerúndio e Cacófato Conversa de Criança Atletas do Rio Visões do esporte	
	Aventuras Cariocas Juro Que Vi	Encontros com a Mídia <i>Convidados: Nádia Rebouças (4); Rui de Oliveira (11); Patrícia Dias (18); Bia Bedran (25)</i>	Abrindo o Verbo	Cantos do Rio	Nós da Escola	Ninguém Merece	Documentário Nacional <i>Temas: Papagaios Amarelos (2); Civilização do Cacau (9); Guerra Civil (16); Assalto ao Poder I (23); Assalto ao Poder II (30)</i>
10h-10h30	Como a Arte Moldou o Mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	O Mundo Secreto dos Jardins	Viajantes da História	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Histórias Animadas de Shakespeare	Encontros com a Mídia <i>Convidados: Nádia Rebouças (1); Rui de Oliveira (8); Patrícia Dias (15); Bia Bedran (22); Guti Fraga (29)</i>	
11h-11h30	Contos de Fadas Poloneses É Tempo de Diversão	Vamos Brincar Religiões do Mundo	Documentário Nacional <i>Temas: Papagaios Amarelos (5); Civilização do Cacau (12); Guerra Civil (19); Assalto ao Poder I (26)</i>	Ninguém Merece	Viajantes da História	Nós da Escola	Cantos do Rio
11h30-12h	Crônicas da Minha Escola Abraço Completo à Infância	Contos de Wilde		Arte na Galeria	Contos de Wilde	A série de programas ao vivo <i>Rio a Cidade!</i> fala do Rio de Janeiro sob o ponto de vista da vida em grandes cidades, dos direitos e responsabilidades e do papel da administração pública. A série aborda temas mobilizadores como saúde, violência, história da cidade e alimentação, oferecendo espaço para debates e divulgação de serviços. Discute ainda a interação da cidade e seus administradores, contribuindo para o desenvolvimento da cidadania, da solidariedade e da co-participação.	
	Reflets Arte na Galeria	Reflets Memórias Cariocas Conversa de Criança	Reflets Abraço Completo à Infância Gerúndio e Cacófato	Reflets Arte em Questão Visões do Esporte	Br@nché (língua francesa)		
12h-12h30	Criatividade Nós da Escola	Aventuras Cariocas Juro Que Vi	Como a Arte Moldou o Mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Crônicas da Minha Escola Atletas do Rio	Ninguém Merece		
13h-13h30	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados.	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados		



2º Concurso de Argumentos SME/MULTIRIO/RIO MÍDIA

“A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia – uma segunda-feira, do mês de maio – deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhã. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o Campo de Sant’Ana, que não era então esse parque atual, construção de gentleman, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.”
(*Conto de escola*)

Inspire-se nas obras de Machado de Assis e participe.
Informações: www.multirio.rj.gov.br/riomidia



Velázquez: *Las meninas*, de 1656, em óleo sobre lenzo. Leia mais sobre Velázquez na página 5 desta edição.

NÓS DA ESCOLA

No próximo número:
Infância, juventude e conhecimento